

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Antropologia

Monografia de Graduação

**Festa e desobediência em nome da  
independência da Catalunha: eventos e mobilizações  
do Procés**

**Pedro Bezerra Ribas**

Monografia apresentada ao  
Departamento de Antropologia da  
Universidade de Brasília como um dos  
requisitos para obtenção do grau de bacharel em  
Ciências Sociais, com habilitação em  
Antropologia

Orientador: Luiz Eduardo de Lacerda Abreu

**Banca Examinadora:**

Prof. Doutor Luiz Eduardo de Lacerda Abreu

Prof. Doutor Daniel Schroeter Simião

Brasília, 2020

## AGRADECIMENTOS

Tenho muitas pessoas a agradecer. São tantas que não seria uma lista de tamanho decente. Para deixar essa parte mais sucinta mencionarei apenas as pessoas que tiveram um envolvimento direto com esta monografia. Com isso, irei me referir aos que me ajudaram no processo de escrita, de pesquisa e apoio emocional. Sem esses três tipos de apoio esse trabalho nunca teria sido concluído.

Primeiramente agradeço a meus pais, Maria do Carmo e Otto. Ao longo de todo processo dessa monografia eles tiveram me acompanhando, desde a ida a campo, até a minha volta para o Brasil e durante a escrita. Com vocês eu aprendi a ser responsável, companheiro, organizado e curioso e a me relacionar com as pessoas características importantes ao pesquisador, mas, em especial, ao ser humano.

Agradeço também a duas pessoas essenciais para este trabalho, Ada Duran e Montserrat Clua. Ambas não só foram minhas interlocutoras, como também grandes amigas que cativei na Catalunha. Ada me ensinou castelhano e catalão, respondia a todas as minhas perguntas com entusiasmo e me deu atenção e conforto nos momentos que me senti mais sozinho em campo. Montse, por sua vez, de maneira informal foi minha co-orientadora, me ensinou a ter um olhar mais atento no campo e sempre esteve interessada em escutar minhas reflexões, por mais difícil que fosse entender meu castelhano. Poder ter conhecido as duas como também receber convite para conhecer suas casas foi o meu melhor momento em campo. São memórias que nunca vou esquecer. Prometo às duas que voltarei a Barcelona mais vezes para visitá-las.

Por fim, gostaria de agradecer a minhas colegas e professores. Nathália, Ana, Malu, Marina, Luisa, Sofia, Aryell, Maria, Letícia, Débora e Anna. Ainda tenho muito mais amizades que devo agradecer. Todas, em vários momentos, tiveram a paciência de escutar minhas inseguranças ou historietas de campo. Às professoras e professores do departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, que de diferentes modos me ensinaram muito, em destaque o meu orientador Luiz e a professora Soraya.

# SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| AGRADECIMENTOS .....   | ii        |
| TABELA DE FIGURAS .....  | v         |
| RESUMO .....   | vii       |
| ABSTRACT .....   | viii      |
| RESUM .....  | ix        |
| INTRODUÇÃO.....  | 1         |
| <b>A pesquisa.....</b>   | <b>2</b>  |
| <b>Considerações sobre o acompanhamento e análise dos dados etnográficos .....</b>       | <b>6</b>  |
| <b>O trajeto etnográfico .....</b>   | <b>9</b>  |
| <b>Estrutura da monografia .....</b>   | <b>14</b> |
| CAPÍTULO 1 – A cidade como palco de ideias e disputas.....                               | 16        |
| <b>1.1. Primeira nota etnográfica: 1 de setembro de 2019.....</b>                        | <b>17</b> |
| <b>1.2 . Paisagem urbana e comunicação simbólica: bandeiras espanholas .....</b>         | <b>21</b> |
| <b>1.3 . Os habitantes, suas atividades econômicas e o reflexo no espaço urbano.....</b> | <b>27</b> |
| <b>1.4 O que une e diferencia Eixample e Ciutat Vella. ....</b>                          | <b>32</b> |
| CAPÍTULO 2 – Catalanitat: o espírito da festa e do protesto.....                         | 38        |
| <b>2.1. Festividades como um cenário político .....</b>                                  | <b>38</b> |
| <b>2.2. O espírito da Catalanitat.....</b>   | <b>50</b> |
| <b>2.3. A tradição em movimento: o papel ambíguo entre festas e protestos.....</b>       | <b>54</b> |
| CAPÍTULO 3 – Tumultos, Motins e Desobediência como expressão do Procés .....             | 59        |

|  |           |
|--|-----------|
| <b>3.1. Outubro 2019 e os resultados do processo judicial dos `presos politics` da Catalunha .....</b> | <b>60</b> |
| <b>3.2. Chamadas para a `independência` .....</b>  | <b>67</b> |
| <b>3.3 “Aqui es Europa, sabes? Somos un ejemplo, no se hace esto aquí” .....</b>                       | <b>69</b> |
| <b>3.4. Piche a rua, quebre o vidro, incendeie os contenedores e marche. ....</b>                      | <b>73</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>78</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>  | <b>82</b> |

## TABELA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Ilustração do trajeto. Fonte: Google Maps adaptado, 2019. ....   | 17 |
| Figura 2 - Plano de Cerdá. ....   | 18 |
| Figura 3 - Fachadas com a bandeira da Catalunha. Fonte: Foto do autor, 2019. ....   | 19 |
| Figura 4 - Bandeira da Catalunha. ....  | 19 |
| Figura 5 - Símbolo para os Presos Politics. ....  | 19 |
| Figura 6 - As bandeiras do país Basco, da Galícia, da 2ª República espanhola e do Franquismo, respectivamente. Fonte. ....  | 22 |
| Figura 7 – Bandeira mista. Fonte: Foto do autor. ....   | 26 |
| Figura 8 - Imagem aérea do Eixample. Fonte: Blog Pro Coletivo, 2019. ....   | 33 |
| Figura 9 - Imagem de uma rua do Eixample. Fonte: Foto do Blog Pro Coletivo. ....  | 34 |
| Figura 10 - Imagem do Dia da Diada. Fonte: Foto do autor, 2019. ....  | 40 |
| Figura 11 - As diversas bandeiras e símbolos do evento. Fonte: Foto do autor, 2019. ....  | 41 |
| Figura 12 - Imagem da Diada no momento que manifestavam pela absolvição dos presos politics. Na foto, também se vê a barretina, chapéu catalão. Fonte: Foto do Autor, 2019. ....  | 43 |
| Figura 13 - As bandeiras vistas (de cima para baixo) são: a estrelada, inkuriã e a república espanhola. Fonte: Foto do autor, 2019. ....  | 44 |
| Figura 14 – Dança dos gegants enfrente a Plaça Sant Jaume. Fonte: Foto do autor, 2019. ....   | 45 |
| Figura 15 - Casteller em frente ao palácio. Fonte: Foto do autor, 2019. ....  | 47 |
| Figura 16 - Imagem do casteller junto à grande senyera estrelada. Fonte: Foto do autor, 2019. ....  | 48 |
| Figura 17 - A sardana como manifestação folclórica. Fonte: <a href="https://cultura.gencat.cat/ca/detall/Noticies/N_SardanaPI">https://cultura.gencat.cat/ca/detall/Noticies/N_SardanaPI</a> , acessado em novembro de 2019. ....                       | 57 |
| Figura 18 – A sardana como manifestação política. Fonte: <a href="https://www.naciodigital.cat/noticia/49430/sardanisme-independentista">https://www.naciodigital.cat/noticia/49430/sardanisme-independentista</a> , acessado em novembro de 2019. .... | 57 |

|  |    |
|--|----|
| Figura 19 - Passeata a caminho do aeroporto. Fonte: Foto do autor, 2019. .   | 63 |
| Figura 20 – Manifestação de protesto no aeroporto de Barcelona. Fonte: <a href="https://elpais.com/ccaa/2019/10/14/catalunya/1571042788_418131.html">https://elpais.com/ccaa/2019/10/14/catalunya/1571042788_418131.html</a> ,<br>acessado em novembro de 2019. .... | 64 |
| Figura 21 - Manifestações noturnas ao redor das fogueiras. Fonte: Fotos do autor. 2019. ....   | 74 |

## RESUMO

Este trabalho monográfico desenvolve uma etnografia dos eventos e mobilizações promovidas pelo movimento independentista catalão, coloquialmente conhecido em sua região como *Procés*. Tais eventos e mobilizações são observados sob a abordagem de rituais, focando nas questões performáticas, narrativas, simbólicas e semióticas do *Procés*. Foram acompanhados dois tipos de eventos promovidos por independentistas catalães: (i) suas expressões em festividades locais catalãs; e (ii) em manifestações civis constituídas por atos de tumultos e desobediência civil. Tais rituais independentistas são inerentemente conflitivos, pois sua produção exige a (re) construção simbólica de diversos aspectos da vida social catalã. Por meio da realização desses rituais o movimento tem permitido que novas narrativas ideológicas, centrada no papel do Estado e da soberania das nacionalidades, ganhassem um novo espaço na vida social e cívica catalã.

## **ABSTRACT**

This monographic work develops an ethnography of the events and mobilizations promoted by the Catalan independence movement, colloquially known in its region as *Procés*. Such events and mobilizations are observed under the approach of rituals, focusing on the performance, narrative, symbolic and semiotic issues of the *Procés*. Two types of rituals promoted by Catalan independentists were followed: (i) their expressions at local Catalan festivities; and (ii) in civic demonstrations consisting of acts of unrest and civil disobedience. Such independence rituals are inherently conflicting, as their production requires the symbolic (re) construction of various aspects of social life. Through carrying out these rituals, the movement has allowed new ideological narratives, centered on the role of the State and the sovereignty of nationalities to gain a new space in Catalan social and civic life.

## RESUM

Aquest treball monogràfic desenvolupa una etnografia dels esdeveniments i mobilitzacions promogudes pel moviment independentista català, col·loquialment conegut com el Procés. Aquests esdeveniments i mobilitzacions són observats des d'una aproximació d'anàlisi ritual, emfatitzant les qüestions performatives, narratives, simbòliques i semiòtiques del Procés. Es van acompanyar dos tipus de rituals promoguts pels independentistes catalans: (i) les seves expressions a les festivitats locals catalanes; i (ii) a manifestacions civils, constituïdes per tumults/avalots i actes de desobediència civil. Aquests/Tals rituals independentistes són inherentment conflictius, atès que la seva producció exigeix la (re)construcció de diversos aspectes de la vida social. Mitjançant la realització d'aquests rituals, el moviment ha permès noves narratives ideològiques, centrades en el rol/paper de l'Estat i la sobirania de les nacionalitats per tal de guanyar un nou espai a la vida social i cívica catalana.

## INTRODUÇÃO

“De modo que dificultasse a entrada deles, trouxeram tratores e os colocaram nas entradas da biblioteca. Trouxeram um trator por reboque que carregava adubo e aquele cheiro era fatal. Todos aplaudiram. Era um clima muito emocional, sentia-se medo e tensão pois a qualquer momento a polícia poderia chegar, mas ninguém voltou para a sua casa, todo o povoado estava ali. Em alguns momentos as pessoas iam a suas casas, mas logo voltavam. Turnos (de vigia) eram feitos. Quando acabou (a votação), recolheram as urnas e fizeram a contagem. As urnas foram recolhidas e com elas fizeram uma dança parecida com a que se tem no *patum*<sup>1</sup>. As pessoas se puseram a dançar em frente a biblioteca, (dançando) envolta da urna. Com isso a tensão e o medo passaram e a polícia não viria.”

Este trecho é uma citação das lembranças da Ada<sup>2</sup>, minha principal interlocutora de campo e uma grande amiga. Me foi relatado no dia que estávamos caminhando pelo seu povoado, Artés (localizado cerca de 60 quilômetros ao norte de Barcelona). O evento mencionado no relato acima é o referendo nacional pela independência da Catalunha, realizado no dia 1º de outubro de 2017. Embora hoje Catalunha continue sendo parte da Espanha, o movimento independentista da região permanece e, com ele, a tensão, medo e conflito a que Ada descrevia.

A convocação deste referendo partiu da mobilização de políticos catalães da *Generalitat*, uma instituição governamental local catalã e autônoma do governo da Espanha. Dias antes da data definida para o referendium, o tribunal constitucional da Espanha o decretou como ilegal, que foi seguido por uma ordem do governo espanhol demandando o fechamento e cancelamento de qualquer organização para a votação. A *Generalitat*, apoiada por manifestantes e mobilizações ignorou tanto o decreto como a ordem e mantiveram a convocatória e organização do evento. No dia marcado

---

<sup>1</sup> Patum: O *Patum de berga* seria um festival tradicional catalão que consiste em um conjunto de danças populares onde a população se veste e dança com personagens e símbolos de significância cultural. Ada contava que a dança é feita em volta de uma boneca de porcelana: os dançarinos ficam em volta da boneca e bailam com ela.

<sup>2</sup> Os nomes das pessoas mencionadas neste trabalho não serão alterados. Assim que um nome for mencionado, explicitarei a idade, a região onde a pessoa cresceu, a identidade nacional por qual a pessoa se reconhece e a raça da pessoa, todos, nesta ordem.

para o referendun, em diversas cidades da região ocorreram confrontos entre civis e as tropas de choque enviadas pelo governo espanhol, resultando em distúrbios, violência policial, destruição de espaços públicos, detenção de civis e vários feridos. Com medo da polícia e buscando defender os votos do referendun, a população de várias cidades e povoados catalães tomaram medidas para impedir a intervenção da polícia. Em Artés, afortunadamente a votação foi pacífica e a população não sofreu nenhuma repressão – infelizmente, esse não foi o caso para outros lugares. A memória deste dia tornou-se significativa para os catalães e sua data agora é um símbolo de resistência do independentismo catalão. “1 de outubro” tornou-se um “evento histórico” da comunidade que hoje é comemorado por muitos; em Artés, a data foi dada como o nome da praça em frente a biblioteca, o local onde dançaram com as urnas, a “*Plaça 1 de Octubre*”.

## **A pesquisa**

Este trabalho monográfico apresenta uma etnografia de eventos e mobilizações promovidas pelo movimento independentista catalão. O referendun de independência supracitado é o exemplo mais afamado das mobilizações dos independentistas. Apesar da pesquisa de campo não ter acompanhado o próprio referendun, tendo sido conduzida em 2019, dois anos após o evento, apresentá-lo servira para a introduzir a motivação da pesquisa, o contexto das manifestações catalãs e as questões que procuro explorar neste trabalho.

As mobilizações dos independentistas catalãs ganharam fama a partir de 2017 e seus efeitos em relação ao contexto sociopolítico espanhol, ganharam maior repercussão desde então. Mesmo antes de 2017, o movimento independentista já contava com diversas formas de mobilizações: realizava passeatas, performances públicas, possuía veículos de comunicação e associações próprias, organizava consultas e referendos informais, tinha influência partidária e até mesmo encenava diversas festividades culturais. Sua presença sempre possuiu grande significado para cidadãos catalãs,

interferindo em vários níveis de suas sociabilidades, tanto doméstica quanto pública.

Seu fortalecimento se tornou assunto da pauta diária para a população espanhola e para os demais países europeus. Caso uma independência ocorresse, um novo Estado-Nação catalão significaria grandes mudanças na União Europeia, na economia espanhola e nas sociabilidades cívicas da população do território ibero-europeu. A investigação nesta monografia não analisa e avalia tais consequências sociais e políticas da independência que estão sendo amplamente estudadas por pesquisadores de diferentes matizes. A pesquisa e o foco etnográfico se mantiveram nas mobilizações em si: quem participa, como se organizam os manifestantes independentistas, como são promovidos os eventos locais e quais efeitos das mobilizações.

Em campo, buscando conhecer a adesão, popularidade e presença desde movimento entre as sociabilidades da população catalã, gradualmente fui ganhando interesse em conhecer as várias atividades e eventos públicos promovidos como tradições locais e comunitárias. Neste acompanhamento, fui aprendendo que os promotores desses eventos culturais também, em sua grande parte, faziam parte de grupos de independentistas. Esses eventos e performances locais e culturais constituem uma dimensão importante das mobilizações independentistas. Essa rede de organizadores e promotores dos eventos tradicionais catalães muitas vezes também é responsável por organizar as mobilizações independentistas, como foi o caso para o referendun de independência. A organização e realização de ambos concentram diversos mecanismos legais e/ou informais, contando com a participação popular em vários níveis: locais, municipais e até mesmo internacionais. Em alguns relatos documentados, a organização do referendun de independência contou com a ajuda clandestina de moradores de povoados catalães da França, ao norte da região de Catalunha, que atravessaram a fronteira para auxiliarem no referendun<sup>3</sup>. Essa rede internacional se conectava por meio do entusiasmo pela promoção da cultura catalã que é comum nos dois lados da fronteira. Em relatos que tive em

---

<sup>3</sup><https://www.bbc.co.uk/programmes/n3ct4f24>, acessado em novembro de 2019.

campo, soube que jovens adultos e crianças promoviam atividades lúdicas e culturais nos locais de votação (em escolas), criando espaços para a participação comunitária de modo a apoiar e estimular a população. Em algumas mobilizações, os promotores chegaram a criar grupos clandestinos e secretos para guardar as urnas e depois contar os votos.

A promoção do movimento independentista apropria-se desses espaços de promoção cultural e comunitária catalã. Seus grupos, símbolos e discursos são vistos em festivais, celebrações e passeatas, como também em consultas de opinião da comunidade e demais eventos políticos das comarcas da Catalunya. O referendo catalão em 2017, o maior evento independentista até o momento, contou com uma ampla participação dos grupos de promotores locais, suas redes, métodos e técnicas de organização de eventos. Aprofundando nesse ponto, a pesquisa procurou recuperar a visão de que a construção de eventos políticos deve ser observada a partir do contexto local e os métodos de organização promovidos pela população; cada sociedade possui diferentes canais e demandas sobre a maneira como chamam, envolvem e produzem o voto e a participação política (GOVINDRAJAN, 2018).

Embora o referendo, que teve resultado favorável a independência do Estado Espanhol, não ter sido concretizado, os independentistas relatam o “sucesso” e eficácia desse evento a partir de seu amplo engajamento popular. No caso do referendo, características como a organização popular, a proteção das urnas, a integridade dos grupos organizadores e as celebrações ocorridas com os resultados das urnas são todos motivos para celebrar o êxito do *referendum*. A valorização e realização destes elementos da mobilização, para muitos, é o motivo de se engajarem no movimento, como já afirmava a mãe de Ada: “fui votar não por ser independentista, mas para apoiar a votação e os organizadores” (Marian Berrojo Pérez, 47 anos). Como explica Christiane de Alencar Chavez (2003), esses elementos de organização e produção de eventos políticos, quando se apropriam tradições, redes locais e símbolos culturais, geram uma “expansão do significado” do ato político. Os “sucessos” do evento não só são baseados na decisão política como também

da capacidade de gerar emoções, laços e relações sociais entre seus membros e o público.

Este modelo de manifestação por meio do voto participativo é um dos mais emblemáticos e populares gerados entre os promotores do movimento de independência da Catalunha. O seu formato mais comum antes deste *referendum* era a realização de votações consultivas, organizadas voluntariamente nos quais participavam uma quantidade numerosa de catalães. Embora as consultas (e o referendun) não possuïrem vinculaçãõ jurídica, sua organizaçãõ, rotinizaçãõ e popularizaçãõ vinha garantindo efeitos para os modelos de participaçãõ política e, dessa forma, gerando impactos à paisagem pública e vida comunitária da populaçãõ catalã (CLUA, 2010)

Além destes atos realizados em torno do voto, o movimento se vale de demais modelos de atuação e mobilizaçãõ, que são igualmente relevantes para a agenda independentista. Meu acompanhamento etnográfico fez observaçãõ de dois outros modelos de mobilizaçãõ também populares ao Procès, mobilizações organizadas como: (i) festas e celebrações culturais e (ii) tumultos e atos de desobediência cívica. O acompanhamento etnográfico buscou conhecer estas mobilizações e eventos como rituais, inspirado nas considerações teóricas e metodològicas feitas por Mariza Peirano em seu livro *O dito e o feito* (2003) e por trabalhos realizados pelo Núcleo de Antropologia da Política (NUAP,1995). Embora habitualmente as investigações sobre temas com ênfase nos debates acerca do nacionalismo põem ênfase em elementos onde o Estado e poderes coercitivos afirmam seu domínio sobre grupos e identidades nacionais, ressalta-se a necessidade de dar atençãõ a outros veículos por onde estes grupos e identidades se relacionam politicamente, espaçõs e maneiras onde que relativizam os próprios poderes coercitivos e estatais por meio da ênfase nas dimensões comunitárias e cívicas (CLUA, 2019).

## **Considerações sobre o acompanhamento e análise dos dados etnográficos**

As primeiras perguntas que lancei às minhas informantes e interlocutoras diziam respeito ao “início do Procès” e, conseqüentemente, sobre nacionalismo catalão e os conflitos nacionalistas: o que teria causado o Procès? A quanto tempo existe o independentismo catalão? Quando surgiu o movimento nacionalista catalão? Procurei então me informar sobre o nacionalismo catalão, quais seriam os objetivos, os eventos e os marcos, essenciais para a nação catalã. Reforçando essa perspectiva de acompanhamento, como explica Elias (1994), a análise e compreensão atenta sobre nacionalismos precisa estabelecer um paradigma teórico de “longo prazo”, isto é, conhecer e acompanhar as narrativas e o histórico de eventos nacionais. Estas narrativas e eventos são importantes representações da nacionalidade e não devem ser reduzidas a um produto pontual da história, algo distante e congelado para os atores sociais. O caso seria observar a história como um importante recurso onde se baseiam as relações nacionalistas.

À medida que eu ia me informando sobre os fatos e histórias que contavam minhas interlocutoras, fui percebendo que havia diversas narrativas diferentes, isto é, a intenção de conhecer a História do independentismo catalão transformou-se em um mosaico de diversas histórias e narrativas sobre o independentismo catalão. Contar a história do nacionalismo catalão ou sobre os eventos independentistas possui diversas variantes entre meus interlocutores. Em alguns relatos, o Procès começou em 2006 (devido as insatisfações com a atualização do estatuto de autonomia da Catalunha), outros dizem que só começou em 2012 (com o contexto de crise socioeconômica e os protestos dos 15M<sup>4</sup>) e para outros o movimento de independência sempre foi uma questão social de luta da história da Catalunha, algo de remonta séculos.

---

<sup>4</sup> O movimento antiausteridade na Espanha, também conhecido como Movimento 15-M ou Movimento Indignados, foi uma série de protestos, manifestações e ocupações contra as políticas de austeridade na Espanha, que começou 15 de maio de 2011

Fazer perguntas sobre o início e o histórico do independentismo e nacionalismo sempre levava a meus entrevistados, informantes e interlocutoras a infundáveis monólogos sobre a história dos “povos da Espanha”. A observação e acompanhamento dessas histórias eram difíceis, pois nenhuma foi contada da mesma forma, sempre colocavam novos elementos – o que me fazia ter que conhecer novos marcos e questionar algumas narrativas. Chegou a um ponto que ficar aprendendo sobre o contexto histórico parecia um trabalho inacabável, muito difícil de conseguir delimitar o que me interessava na pesquisa. Até para minhas interlocutoras mais versadas sobre o movimento era difícil explicar e demarcar um conjunto de eventos que delimitasse o Procés. Para compreender essa dificuldade fui pesquisar os debates acadêmicos catalães, e logo pude ler perspectivas que me auxiliaram neste processo, destaco aqui uma edição especial da revista de antropologia da Universidade Autônoma de Barcelona (QUADERNS-E. 2019). Nela, etnógrafos e antropólogos buscaram explorar as dificuldades do Procés, dedicando-se a escrever artigos e diálogos que falassem dos motivos e razões de sua complexidade. Um dos pontos mencionados nesta edição foi a dificuldade para os povos catalães (e espanhóis) de imaginar o Estado e a história dos povos da Espanha como uma unidade estável: a Espanha é um Estado-Nação entendido como “inacabado” (ROMERO, 2006) que se contextualiza por um conjunto de relatos históricos-místicos e conformações ritualísticas com o objetivo de constituir um Estado (LLOBERA, 1996).

Essa perspectiva esclarecia as razões das pessoas sempre contarem a história do nacionalismo catalão e espanhol enquanto um seguimento de conflitos e crises. O Estado espanhol é sempre equacionado enquanto um elemento desigual entre as nacionalidades e mal edificado, com um histórico conflituoso e longo, muitas vezes complexo e possuidor de várias narrativas. Na edição da revista QUADERNS-E, Albert Marcusi Ferré (2019) defende a hipótese que os movimentos nacionalistas na Espanha possuem um ideário de narrativas que reforça a visão do território ser uma “nação inacabada”; as comunidades nacionais da Espanha, sua união suas relações são fenômenos incompletos que necessitam de intervenção e demarcação.

Desse modo, essa perspectiva me forneceu elementos para construir a pesquisa partindo do modo como eu observava os catalães falarem acerca de sua história com a Espanha: sem fim, perpassada por um histórico inacabável de diversos agentes, que por vezes estão conciliados e outras em aberto conflito, trazendo essas memórias de modos variados para construir novas respostas infundáveis sobre o assunto. Em campo eu notava que conversar sobre a independência catalã sempre me levava a escutar o acervo infinito de referências históricas (e por horas fantasiosas e “míticas”) acerca das razões e momentos que, da perspectiva das minhas interlocutoras, explicavam os atuais eventos; escutava enquanto meus informantes e colegas ressignificavam o histórico e o tradicional da comunidade catalã.

Nesse ponto minhas pesquisas até aquele momento me guiaram o olhar sobre o Procès justamente para a ressignificação mítico-histórico que acompanhei não apenas na fala, como também nos protestos catalães. Vi que a profundidade, entusiasmo e riqueza de falar sobre o Procès ocorre justamente por este movimento proporcionar uma plataforma capaz de mobilizar demandas e opiniões de renovação social a partir do uso imaginativo da identidade catalã (CLUA, 2014). Falar do Procès seria falar do futuro, do passado, da continuidade da sociedade catalã e sobre a comunidade a partir da valorização da nacionalidade catalã.

Segundo Anderson (1985), as identidades nacionais se formam a partir desses discursos em que as pessoas baseiam sua Nação e seu pertencimento a partir de um imaginativo de símbolos e relações nacionais. Imaginar uma nação não é somente expresso pelo discurso como também se materializa em performances. O Procès, desse modo, se realiza a partir da imaginação da Catalunya. A partir de suas mobilizações são criados canais de participação comunitária e formação cultural, possibilitando se instaurar um senso de *catalanitat*, uma narrativa nacionalista de soberania da identidade catalã. Argumento que a participação e devoção ao nacionalismo catalão possui como atrativo um espaço de expressão e reflexão da comunidade sobre valores e participação social. Esse tem sido um ponto explorado pelos independentistas para falar sobre o Procès, utilizando as relações sociais e redes de convivência

Embora o Procés esteja proporcionando novos mecanismos e canais de convivência comunitária e sociabilidade entre os catalães, sua mobilização nem sempre se dá de forma pacífica e lúdica. A construção exige, também, negociação e disputa de grupos políticos e culturais diferentes. Se por um lado há um nacionalismo catalão que advoga a independência, existem outros grupos e narrativas que se opõem à independência pois acreditam na convivência entre as demais identidades nacionais das comunidades espanholas autônomas. A participação e as garantias democráticas de grupos com identidades marginalizadas e culturas diferenciadas vem na medida em que tais sujeitos conseguem se ver como atores sociais, isto é, eles são capazes de decidir sobre como devem ser reconhecidos e tratados (TAYLOR, 1994). Nestes cenários marcados pelas sociedades com múltiplas identidades nacionais e culturais, o reconhecimento e respeito à diferença também se exprime como tolerância recíproca aos costumes tradicionais e seus modos de construção de comunidade (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000).

## **O trajeto etnográfico**

Participar de um programa de intercâmbio na Universitat de Barcelona (UB) foi a oportunidade para fazer minha expedição de campo. Apesar de não ter nenhum conhecimento anterior das línguas ou do território espanhol e catalão, a chance de fazer um campo de pesquisa etnográfica em uma localidade distante e culturalmente distinto de minha própria cultura me pareceu a realização do ideal antropológico. As mobilizações independentistas eram para mim eventos que incitavam perguntas em diversas linhas de pesquisa antropológica.

Minha ideia original seria investigar temas que já vinha estudando na sociedade brasileira acerca da etnografia do Estado e formação da sociedade cívica nacional. Embora a pesquisa feita neste trabalho não esteja tão distante do assunto original, minha trajetória etnográfica fez divergir de minhas ideias originais – algo que não é de surpreender a nenhum antropólogo. Escutar e ler que o nosso campo nos muda e muda a direção de nossas pesquisas é muito menos frustrante e agonizante do que viver a experiência. Sendo assim, é

necessário explicar o trajeto etnográfico a fim de que o leitor possa ter uma visão mais compreensiva daquilo que pude extrair em campo, dos limites da minha pesquisa e ter uma ideia com quem, onde e como eu vim conhecer os dados que iriam ser analisados.

A pesquisa em campo começou a ser feita em setembro de 2019 e prosseguiu até dezembro do mesmo ano. Foi um tempo utilizado para condução de entrevistas, documentações fotográficas, participação em conferências acadêmicas e grupos de pesquisa, excursões por municípios da região, acompanhamento de grupos e associações ligadas às mobilizações nacionalistas, idas a festividades locais e a participação em atos e manifestações de rua. Os protestos do *Procés* envolviam a participação de uma demografia variada: crianças, jovens, adultos e velhos; autóctones catalães e espanhóis de outras comunidades; imigrantes e muito mais. Como dito, o *Procés* também reúne um conjunto de narrativas acerca das razões de apoio, opiniões e objetivos.

Focando nos efeitos e na materialização do *Procés* dentro da Catalunha, destaca-se a frequência dos protestos e atos ligado ao movimento, chegando a fazer parte da percepção cotidiana da população. As mobilizações se expressam por um conjunto variado de símbolos espalhados entre espaços públicos e privados, perceptível a qualquer indivíduo que esteja presente, cenário sujeito a constantes renovações e reformulações. Dada a grande escala que este fenômeno possui, o acompanhamento de campo exigiu algumas delimitações quanto ao espaço físico, agentes, atividades e eventos a serem acompanhados.

A primeira delimitação do campo se refere ao espaço de observação. A pesquisa foi conduzida principalmente no município de Barcelona, capital administrativa da comunidade autônoma de Catalunha e um dos seis maiores centros metropolitanos da União Europeia (UE). A cidade também é uma das maiores cidades turísticas do mundo, recebendo um fluxo turístico e migratório que traz desafios cotidianos ao seu planejamento, administração e estilo de vida. Barcelona possui um rico ideário acerca de sua formação urbanística, política e patrimonial. Dada a centralidade que possui Barcelona,

tive a oportunidade de participar nas manifestações que ocorreram na cidade-capital. De todo modo, vale constar que as mobilizações e atividades do movimento vivem com mesma intensidade entre povoados e demais municípios; seja entre povoados com cerca de 5 mil pessoas (como Artés) ou megalópoles como Barcelona, com 5 milhões. Além de Barcelona estive em povoados como Artés (5 mil habitantes), cidades como Vich (45 mil), Terrassa (218 mil) e Girona (750 mil) a fim de ver a diferença que o movimento possui em outras dimensões comunitárias.

Afortunadamente, cheguei a Barcelona no fim do verão quando ocorriam algumas das celebrações culturais do calendário festivo catalão. Em campo pude participar dessas atividades, como festas e feriados, que comemorei junto com informantes e caros amigos. Logo percebi que o dia nacional da Catalunha (La Diada), o aniversário da cidade de Barcelona (La Mercê), as festas de padroeiros e santos, as sardanas (bailes culturais), os castellers (torres humanas) e demais expressões e festas culturais da Catalunha possuíam uma forte ligação com o movimento independentista. Foram estenografados todos estes eventos. Essas festas me deram as primeiras visões sobre os símbolos do Procés, me ajudando a acompanhar os debates e a simbologia e me preparando para o mês de outubro.

Entre as várias manifestações, atos e distúrbios que ocorreram ao longo de meu período de estadia se destacaram as mobilizações no mês de outubro. Um dos pontos centrais do *Procés* é o caso judicial dos *presos políticos*: políticos e civis catalães promotores do referendun de outubro de 2017, que foram investigados pelos delitos de rebeldia e sedição ao Estado. No dia 14 de outubro de 2019, dois anos depois do conflituoso referendun em questão, foi dado o veredito aos 12 *presos políticos* quando foram condenados a penas que variavam entre 9 e 13 anos de prisão. Entre 14 de outubro a 19 de outubro de 2019, semana do veredito ocorreram fortes reações civis. Foram protestos rotineiros, distúrbios cívicos, destruição de propriedade, violência policial com civis feridos (alguns ficaram cegos) e ocupação de espaços públicos, paralisações, detenção de civis dentre outros eventos. Depois dessa semana em questão, vários catalães chegaram a me dizer que o Procés estava chegando em uma nova etapa: havia começado com

manifestações pacíficas em 2012, evoluindo para um processo judicial com o referendo em 2017, passando pelos momentos pós-julgamento de 2019 e finalmente o veredito que levou aos maiores distúrbios e os mais violentos. Tudo caminhava para o aumento do sentimento de insegurança. Fiz notas etnográficas sobre esse período, semana de protestos.

A coleta de dados e o campo tanto foi feito pelo acompanhamento e participação acima mencionados, quanto pelo levantamento de bibliografia, dados estatísticos, conteúdos imagéticos e audiovisuais. Fazer pesquisa de campo em Barcelona é muito diferente da clássica imagem do antropólogo isolado entre nativos em uma ilha tropical em Samoa. Estive em um centro metropolitano e em uma sociedade com ampla documentação sobre sua cultura e história. Essa rede de informação e conteúdo me foi introduzida por dois grupos distintos: por colegas estudantes e pelo grupo de pesquisa *Ciutadanes* do Instituto de Antropologia Catalã (ICA), orientado pela antropóloga doutora Montserra Clua i Fainé, da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB)

Estudantes eram, sem surpresa, a definição mais precisa que posso fazer sobre o grupo de pessoas que acompanhei com maior proximidade. Apesar de estar frequentando aulas na UAB, a participação extracurricular em eventos e atividades na Universidade foi muito mais útil na minha inserção no campo do que as próprias aulas. O fato de ser um estrangeiro, brasileiro que se interessava pela questão catalã despertava os ânimos entre aqueles que eu conhecia. Tive contato com vários estudantes de antropologia que não só eram solidários em auxiliar em minha pesquisa, como também viraram verdadeiros amigos e amigas. Graças a eles, pude participar dos grupos nas redes sociais onde surgiram as chamadas e debates do Procés: os grupos de Telegram – aplicativo de comunicação similar ao WhatsApp – e o Twitter.

Um momento significativo que me abriu várias portas foi o contato com a antropóloga dedicada ao acompanhamento do Procés, Montserrat Clua i Fainé. Nascida e crescida na Catalunha, Montserrat se dedica a estudos sobre cidadania, nacionalidades e povos da Espanha. Montse, como era chamada,

atualmente, é a única antropóloga que segue acompanhando o Procès de maneira ininterrupta. Com ela tive a oportunidade de ouvir uma análise mais crítica das mobilizações, fui a campo em sua companhia e tive conversas extensas sobre o que observava. A bibliografia e orientação que reuni para meu campo parte muito de sua ajuda.

O ponto de maior inflexão para este trabalho, o que me fez tomar o caminho de elaborar relatório de campo com enfoque nas manifestações culturais da tradição da Catalunha e de como essas são palco e reforçam o movimento independentista, me ocorreu no dia que escutei o relato de Ada, o qual foi transcrito no começo desta introdução. Ocorreu em minha última semana na Catalunha quando tinha uma enorme quantidade de informações e relatos e, ainda, não havia decidido o enfoque a ser dado a monografia pois poderia ser de diferentes abordagens.

Ada e eu estávamos caminhando por seu povoado onde ela calorosamente havia me convidado para conhecer sua família e passar o final de semana em sua casa. Ela me descrevia em detalhe suas memórias crescendo em Artés, os locais, as figuras pitorescas e a vida social do povoado. Enquanto ela me contava a história do dia do referendun em Artés, sacou o celular do seu casaco e me mostrou um vídeo: o próprio *patum* feito com as urnas. Fiquei surpreso com a cena do povoado todo reunido, cansados e revirados pelo dia de tensão e, apesar disto, muito felizes, dançando envolta da urna. Caminhamos pelo povoado enquanto ela me contava das festas que organizavam e apontava o que seriam “marcas” deixadas pelas mobilizações independentistas: praças nomeadas pelo Procès, sacadas de casas com bandeiras independentistas penduradas, banners da cidade com mensagens sobre o movimento e a própria torre de relógio, que se sobressai sobre toda a cidade, amarrada com um laço amarelo enorme – símbolo de solidariedade do movimento. Tudo ali, o espaço público, o patrimônio e as memórias de Artés possuíam um marco significativo daquele movimento.

Depois daquele dia passei a rever todas minhas notas de campo e entrevistas. Passei a identificar como o movimento se manifestava de diversas maneiras: desde danças culturais, eventos até enfeites nas sacadas das casas e

no espaço público entre várias outras formas. Ainda prestava atenção nos motivos para a independência, mas passei a ver a força do repertório e da expressão das manifestações culturais, os veículos de participação e as historietas e memórias que os participantes criam em seu envolvimento com o movimento. A meu ver, estas mobilizações sociais, estando fortemente ligadas à identidade cultural, ganham potencial como transformadoras sociais justamente por sua capacidade de articular meios culturais e comunitários da população.

### **Estrutura da monografia**

O primeiro capítulo desta monografia faz um levantamento espacial do local onde mais se concentrou meu acompanhamento: Eixample e Ciutat Vella em Barcelona. Apresenta uma etnografia e uma análise do local onde mais ocorrem as atividades do movimento. A quebra do cotidiano durante os rituais independentistas, seus agentes mais comuns e como esses se situam no território. O objetivo foi o de situar a simbologia envolvida nas manifestações. Destaca-se como o movimento independentista não é definido unicamente pelas atividades de seus autóctones, como também existe uma mistura de agentes paralelos (estrangeiros, imigrantes e turistas) que observam, participam e são parte direta ou indiretamente das manifestações.

O segundo capítulo é fortemente inspirado na obra do antropólogo Roberto DaMatta (1981), por enfatizar a cultura e ideologia nacional a partir das dramatizações e festividades locais. É neste empreendimento e performance que será analisada a categoria local de *catalanitat*. O que me chamava atenção nas festas estudadas era a penetração que a simbologia e discurso independentistas tinha em sua organização e celebração. As datas do Procès começaram a fazer parte do calendário festivo, muitas das vezes, sendo difícil a distinção entre uma celebração cultural e organização de mobilizações independentistas.

O terceiro e último capítulo traz um apanhado das manifestações independentista onde o conceito de conflito ganha seu caráter mais visível e extremo: tumultos, desobediência e motins. Estes tipos de protestos muitas

vezes eram retratados como caóticos, emotivos, espontâneos e violentos. Apesar destes protestos realmente afetarem a estabilidade física e mental de seus participantes, bem como da ordem pública, eles surgiam de uma rede organizada e conectada de manifestantes. As redes de comunicação destes participantes criavam canais de engajamento onde uma variedade muito ampla de pessoas poderia contribuir e manter sua anonimidade. O segredo, confiança e solidariedade são aspectos de muita importância entre seus membros.

Na conclusão, eu trago os tópicos importantes de cada capítulo para fazer um apanhado geral da pesquisa. As considerações finais, feitas a partir do acompanhamento etnográfico das mobilizações, ressaltam os aspectos processuais e simbólicos dos eventos e atos de independentistas. Busca-se observar que, além da transformação de espaços institucionais e a formação de um novo Estado, o movimento infere na realização de ideologias culturais e cívicas da população catalã, por meio de elementos performáticos, discursivos e semióticos.

## **CAPÍTULO 1 – A cidade como palco de ideias e disputas**

O acompanhamento de campo começou em 1º de setembro de 2019. Na primeira nota etnográfica, escrevi sobre a paisagem urbana de Barcelona relatando o meu percurso para sair da estação de ônibus por onde havia chegado, a *Estació du Nord*, e o caminho até a casa onde me alojaria durante os 3 meses em campo, localizada no bairro *El Raval*. Dado meu inicial desconhecimento das línguas que se falavam na região (o espanhol e catalão), minhas primeiras observações focavam no conteúdo visual do espaço (a fachada dos prédios, a qualidade visual da cidade e a organização de sua escala urbana) e a percepção sobre as pessoas que via na rua (quantidade e tipo de pedestres e a aparência das atividades). Essas observações iniciais do espaço urbano foram úteis por duas razões: primeiro, a contextualização do acompanhamento de campo, não só do espaço, como também das atividades e símbolos presentes nele; segundo, ressalta a relevância do espaço para a construção e realização dos eventos e das mobilizações independentistas. Foco na ideia de que o espaço urbano é um “ambiente de intervenção”, no qual indivíduos, populações e grupos conjugam elementos e eventos que circulam para além da localidade em si (Focault, 2007 *apud* Patriota de Moura, 2013). É sob este ponto que irei me aprofundar ao longo deste primeiro capítulo: busquei identificar os elementos que denotam as relações predominantes no espaço urbano com as atividades que nele ocorrem, como os marcos e símbolos do *Procés*.

Alinhado às considerações feitas por Gilberto Velho (1973) e diversos outros cientistas sociais que compõem a linha de estudos da Antropologia Urbana entendo que o espaço urbano vai muito além do conjunto de prédios e espaços que o constitui. Sobretudo, ele conjuga a expressão e a formação das relações sociais e das categorias compartilhadas coletivamente pela população (PATRIOTA DE MORA, 2013).

## 1.1. Primeira nota etnográfica: 1 de setembro de 2019

Para ir da rodoviária *Estació Du Nord* ao bairro do *Raval* tive que seguir na direção sudoeste, em direção ao *Arc de Triomf*. Quando cheguei ao arco, localizado no final da avenida *Passeig de Sant Joan*, atravessei a via e entrei no bairro Eixample. (Figura 1). No bairro, teria que atravessá-lo para chegar à Praça Catalunha e de lá caminhar pelas Ramblas (os calçadões mais famosos de Barcelona) para chegar ao bairro do Raval onde ficava a casa de Jessika onde iria morar.

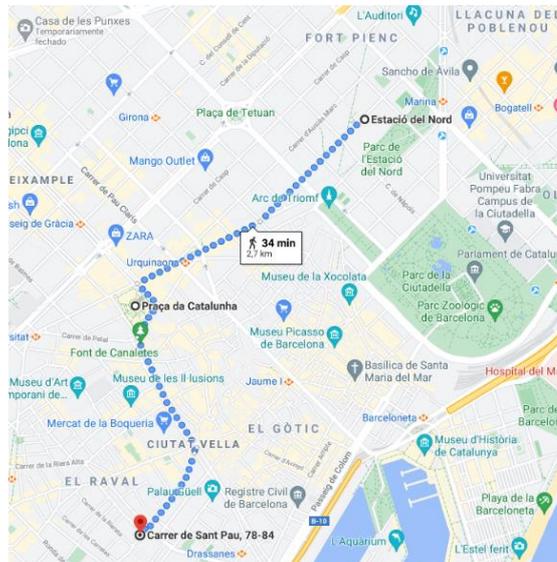


Figura 1 - Ilustração do trajeto. Fonte: Google Maps adaptado, 2019.

O *Eixample* é um bairro famoso pelo seu visionário padrão urbanístico: longas ruas retas, largas avenidas e quarteirões quadriculares. Visto no mapa o bairro parece um tabuleiro de xadrez. Para urbanistas, o bairro é mais conhecido como “plano de Cerdá” (Figura 2), nome do urbanista que concebeu o planejamento do espaço e que, também, estruturou a disciplina do Urbanismo - isso em 1860.



Figura 2 - Plano de Cerdá.

A paisagem urbana do bairro é muito bonita e bem cuidada, as ruas são largas e arborizadas, as fachadas dos prédios lembram a paisagem de metrópoles europeias vistas nos filmes, ao estilo “Art Nouveau”. A parte inferior das edificações é ocupada pelo comércio e acima estão as residências. O comércio é bem variado e parece que tem de tudo que um habitante urbano necessita: farmácias, supermercados, restaurantes, padarias, lojas de roupas etc. Olhando nas placas das ruas, via tudo escrito “duplamente”: uma vez em catalão e outra em espanhol. Os comércios sempre dispunham de uma mistura de catalão, espanhol e, por vezes, inglês.

Olhando para as fachadas dos prédios, via que cada janela correspondia a um balcão próprio. Muitos destes balcões possuíam a mesma bandeira pendurada na sacada (Figura 3). As bandeiras possuíam barras horizontais, quatro vermelhas e cinco amarelas e uma estrela branca de cinco pontas dentro de triângulo azul em sua talha (Figura 4). Em muitos dos balcões, além da bandeira, também, havia cartazes e laços amarelos. Nos cartazes era possível ler em catalão refrões em favor da independência. Os mais comuns eram: *presos politics; democracia; ni obli, ni perdó e libertat*. – As mesmas mensagens eu veria mais tarde nas pichações espalhadas pelos vários cantos da cidade. Nas ruas, a mais comum dessas pichações é o próprio laço amarelo (Figura 5). Onde quer que se olhasse este laço estava à vista: em paredes, banheiros, lojas, janelas, nas calçadas, no asfalto, nos degraus de escada e até mesmo adornando peça do vestuário – como botons, ou usados como cachecóis – dos moradores.



Figura 3 - Fachadas com a bandeira da Catalunha. Fonte: Foto do autor, 2019.



Figura 4 - Bandeira da Catalunha



Figura 5 - Símbolo para os *Presos Politics*

Eu estava carregando uma mala pesada pelas ruas. Era uma cena bastante cômica: a cada bloco andado eu parava para respirar, mas não estava nessa situação sozinho. Várias pessoas carregavam malas pelas ruas. Algumas, inclusive, repetiam a mesma cena patética que eu representava.

Depois de alguns minutos caminhando pelo bairro, cheguei à *Plaça Catalunya*. O mapa que eu tinha, enviado pela Jessika previamente, descrevia esta praça como “o ponto central da cidade”. O movimento indicava que o mapa estava correto, havia milhares de pessoas reunidas ali. *Plaça Catalunya* é um local estratégico: é a fronteira entre a parte antiga (*Ciutat Vella*) e a parte nova (*Eixample*), dois distritos que compõem o centro de Barcelona. Debaixo da praça, está o epicentro do sistema metroviário da metrópole. A cena que via era em resumo a de uma grande aglomeração: milhares de pessoas circulando pela praça, muitas paradas em pé ou sentadas e milhares de

pombos. Uma cena que me deixou atordoado. Via muitas pessoas tirando fotos com os pombos da praça, alguns, colocando comida em seus ombros para que vários pombos se aproximassem.

A praça leva para a entrada da rua *Las Ramblas*, um ponto comercial e turístico bastante conhecido na cidade. Para chegar ao Raval, o mapa com as direções da Jessika, pedia que seguisse por essa rua, mas aquilo me pareceu impossível. Logo que entrei nas Ramblas percebi que toda a aglomeração da *Praça Catalunha* era algo pequeno em relação ao que existia nas *Ramblas*. Demorou muito passar por ali. Apesar de ser uma via larga, como estava completamente lotada, era muito difícil de caminhar. Eu via um mar de cabeças. No caminho tropecei em um vendedor ambulante. Pedi desculpas. Era muito difícil desviar das pessoas e dos vendedores de rua com aquela mala. Na maior parte do tempo eu era empurrado por alguém que caminhava apressado.

*Las Ramblas* conecta a *Plaça Catalunha* até a região portuária da cidade, também servindo como uma via divisória entre dois bairros que compõem o distrito da *Ciutat Vella*: *El Gòtic* e *El Raval*. O mesmo estilo de “fachada Art Nouveau” do *Eixample* está replicado em *Las Ramblas*. De todo modo, deixei de ver balcões e janelas residenciais na parte superior dos prédios, tudo se transformou em comércio e serviços. As lojas acrescentaram a seus letreiros o inglês e por vezes substituíam o catalão pelo inglês mantendo o espanhol. As atividades comerciais também se alteraram passei a ver mais museus, lojas de marcas, estantes de souvenirs e restaurantes de franquia.

Andando uns 400 metros pelas *Ramblas* eu encontrei Jessika<sup>5</sup> me esperando na rua. Ela e Lea<sup>6</sup> que chegaria no dia seguinte seriam minhas colegas de apartamento pelos próximos 3 meses. Depois de cumprimentos e um abraço segui Jessika em direção ao nosso apartamento. Viramos uma esquina entre a *Rambla* e uma rua estreita, entramos direto no *Raval*. Apesar do *Raval* ser conectado à *Las Ramblas*, o bairro possui uma paisagem

---

<sup>5</sup> 32 anos, basca, falava espanhol e euskera (basco)

<sup>6</sup> 21 anos, alemã, falava alemão, inglês e um pouco de espanhol

completamente diferente. Entrar no *Raval* me pareceu entrar em outra cidade. As ruas se tornaram muito estreitas, tudo ficou mais escuro e a paisagem mudou drasticamente em menos de 50 metros.

Os prédios eram pichados, desbotados e havia sujeira nas ruas, dava para notar que o bairro do Raval era tratado e cuidado de forma diferente do que os outros bairros pelos quais havia passado apesar de fazer parte da mesma zona da cidade. Percebi que o perfil das pessoas que circulavam no bairro também mudava; se notava a forte presença de mulçumanos no bairro – pelo menos eu presumia pelas vestimentas dos homens e mulheres. O comércio também mudava: nenhuma loja de marca, o comércio de aparência menos turística; algumas lojas com cartazes escritos em árabe ofereciam produtos centrados em culturas orientais principalmente hindu e mulçumana.

Caminhamos cerca de 10 minutos pelo Raval. Jessika me ajudou com a mala. O apartamento ficava a poucos metros da *Rambla del Raval* (o centro do bairro), em uma parte mais perto da zona portuária.

## **1.2. Paisagem urbana e comunicação simbólica: bandeiras espanholas**

Acompanhar eventos, manifestações e demais mobilizações sociais envolve, em grande parte, ler os efeitos, símbolos e as marcas que tais ações coletivas deixam na cidade. O uso de recursos visuais e estéticos, por meio da revitalização de antigos símbolos e tradições e o manejo de novas tecnologias comparecem como os principais elementos nas mobilizações do *Procés* (PADROS, 2019).

No caso do *Procés* por meio dos símbolos se produz uma encenação do espaço público, tornando-o palco das mobilizações e do movimento. Uma manifestação desse fenômeno é a exuberante quantidade de bandeiras que estão dispostas nas fachadas de prédios de Barcelona, principalmente no *Eixample*<sup>7</sup>. No geral, a bandeira mais usada em Barcelona é a *senyera*

---

<sup>7</sup> Mais adiante o predomínio das bandeiras independentistas nesse bairro poderá ser melhor entendido dado o predomínio da elite autóctone entre seus moradores

*estrelada* (da independência catalã), porém, também não é estranho de se ver a bandeira espanhola. Fora estas duas, também vi, com menos frequência, outras “bandeiras da Espanha”, quer dizer, bandeiras de outras regiões autônomas do território espanhol, como a do País Basco, conhecida como *inkurriña*, e a da Galícia (Figura 6). Além dessas bandeiras que marcavam uma região e/ou nacionalidade, também temos “bandeiras históricas”, como a da república espanhola (1931-1939) ou a do regime franquista (1939 – 1975) (Figura 6). Todas essas bandeiras, em algum momento, as vi em alguma sacada ou manifestação.



Figura 6 - As bandeiras do país Basco, da Galícia, da 2ª República espanhola e do Franquismo, respectivamente. Fonte

Como dito as bandeiras estão presas nas varandas e sacadas dos apartamentos. Estes são espaços ambíguos: eles estão entre o aquilo que seria o espaço público e o espaço doméstico - as sacadas e as varandas são locais domésticos a partir dos quais é possível ver a paisagem do cenário público. É a partir dessa ambiguidade que as pessoas aproveitavam para expressar-se politicamente. A *senyera estrelada* quer dizer apoio ao *Procés*, enquanto, por outro lado, a bandeira da Espanha sinalizava o apoio de unidade da Espanha, um discurso contrário ao movimento independentista.

Comentando sobre as bandeiras com minhas interlocutoras, várias me informaram que este fenômeno é relativamente novo e coincide com o início do *Procés*. Ademais, este fenômeno não é exclusivo de Barcelona, tampouco da região catalã. Em outras regiões da Espanha, a população também se expressa por meio das bandeiras. Enquanto em Barcelona (e na Catalunha) predomina o uso da *senyera* (bandeira da Catalunha) ou da *senyera estrelada*, pude ver que em Madrid (capital da Espanha) o domínio é da bandeira da Espanha.

As bandeiras carregam dois valores: por um lado expressam alguma ideologia nacionalista e por outro possuem um contexto histórico sócio-político. Conhecer cada um desses pontos é essencial para acompanhar as caracterizações e narrativas lançadas por minhas interlocutoras. Para tanto, é importante saber que a ideologia nacionalista não pode ser desassociada ao contexto sociopolítico que ela demarca, pois, a construção da Nação e as ideologias nacionalistas se dá junto a um movimento contínuo e histórico de edificação e constituição dos Estados modernos (ELIAS, 1970).

A atual bandeira da Espanha vale como expressão do nacionalismo espanhol e marca o contexto sócio político de redemocratização do país. Este cenário de redemocratização, coloquialmente conhecido como *Transición*, resultou de intensas negociações políticas que tenderam à redistribuição do poder dentro do Estado, mediante a adoção de uma forma de autonomia territorial com base na identidade étnico-nacional das regiões. A manutenção desse Estado multinacional tem implicado um processo de constante revisão e renegociação da política etnolinguística, dos acordos de autonomia, e da participação dos grupos nacionais nas instituições do governo central (RUDOLPH E THOMPSON, 1992).

Entre minhas informantes, a narrativa sobre estas distribuições e negociações estatais poderiam variar entre opiniões favoráveis ou desfavoráveis. Aqueles que julgavam a distribuição de poder estatal como injusta entre as nacionalidades, ressaltavam haver uma marginalização das regiões com identidade étnico-nacional “não-castelhana”, ou seja, catalães, bascos e galegos. Por sua vez, essa marginalização é retratada como uma cultura política etnocêntrica, que está ligada em um histórico de perseguição de nacionalidades não-hispanicas. Enric, um estudante de filologia da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB) e manifestante independentista, assume o nacionalismo espanhol e, principalmente, o discurso de unificação espanhola como uma ideologia etnocêntrica. Na sua visão, a cultura política é “fascista”, igual à franquista que era repressiva e cassou expressões culturais regionalistas como o catalão, basco e galego. Ele me explicou “tudo se explica pela história deste país” e com isso começou a contar o processo de redemocratização. Na sua narrativa, este é um processo

incompleto e cheio de correrias para redemocratizar o Estado, consequentemente, mantendo viva a ideologia etnocêntrica de unificação do território.

De todo modo, no caso da bandeira espanhola, já escutei outras interpretações. Ana<sup>8</sup>, uma de minhas informantes, dispõe de uma bandeira espanhola em sua janela. Colocou na fachada em 2018, depois que seu vizinho da frente pôs uma *senyera estrelada* na janela. Ela é contrária à independência catalã e queria provocar seu vizinho da mesma maneira que se sentia provocada por ele. Para ela, a bandeira espanhola simboliza o contexto de redemocratização da Espanha pós-franquismo e a ideologia de unificação multinacional da Espanha. Explica que é injusto ficar dizendo que “Espanha é fascismo” ou “Espanha é conservadora” em um país onde “já enterramos o Franco faz anos”. Quando Ana começou a comentar sobre seu vizinho com a *estrelada*, a primeira característica que me deu sobre ele foi “emotivo”. Em seu relato diz: “não acho que ele seja uma pessoa má, mas ele é muito emocional. Acho que se levou por esses discursos de políticos que distorcem as palavras e contam históricas falsas”. Ana era mais velha que seu vizinho e repetia isso várias vezes, contanto como ele era impulsivo por sua juventude e repetindo que “viveu pouca história” para saber o que estava fazendo.

Por sua vez, a *senyera estrelada* também traz diferentes interpretações e modos de uso dependendo da narrativa que se conta sobre sua história. O desenho da bandeira é inspirado na bandeira de Cuba; a independência da ilha caribenha inspirou os movimentos nacionalistas de vários territórios, um deles, o catalão; quando uma bandeira regionalista/nacionalista dispunha de uma estrela, isso expressava um “desejo independentista”. Em campo, uma de minhas interlocutoras, Maria<sup>9</sup>, dispunha de uma *senyera estrelada* em seu quarto. Quando perguntei se ela apoiava a independência catalã, não soube se posicionar, respondeu que mantinha respeito pelo movimento, porém não via a independência como um futuro ideal para a Catalunha ou para Espanha. O motivo por carregar uma *senyera estrelada* era o apreço que tinha pelas

---

<sup>8</sup> 40 anos, barcelonesa, falante de catalão e espanhol

<sup>9</sup> 20 anos, madrilenha, falava espanhol e estava aprendendo o catalão.

mobilizações catalães, que ao seu modo de ver era um movimento mais cívico do que nacionalista. Diz ela:

“Antes deu vir para cá, as pessoas me diziam para tomar cuidado com as mobilizações nacionalistas catalãs, que eles iriam me perseguir por eu ser madrilenha. Quando cheguei aqui eu vi que as manifestações são muito pacíficas, era mais como uma festa. Todos me respeitaram e nunca foi um problema eu não saber catalão ou ser madrilenha. Notei que o problema não era comigo ou com espanhóis, mas com o voto, com o referendun e com os *presos*”.

Como Maria, várias de minhas interlocutoras não se identificavam como independentistas, apesar de disporem da *senyera estrelada* em suas casas em solidariedade à expressão popular e cívica das mobilizações.

As bandeiras também podem ser usadas para expressão emocional, como um orgulho regionalista. Outra de minhas interlocutoras, Paula<sup>10</sup>, me contou que dispunha a *Inkurriã* e a *Senyera* (bandeira nacional da Catalunha) em seu balcão por dois motivos: (i) não sofrer perseguição por mostrar a bandeira de sua região natal e (ii) como um apoio às mobilizações catalães, uma afirmação dos nacionalismos não-estatais. Sobre o primeiro motivo, Paula mencionou ter chegado a Catalunha, em meados de 2015, e o quanto ficou surpreendida com a exuberância que a cultura catalã tinha como expressão pública. Bem contrário ao povoado de onde vinha onde o nacionalismo basco era apontado como um favoritismo ao ETA (*Euskadi Ta Askatasuna* em basco, Pátria Basca e Liberdade, Movimento Nacional de Libertação Basco que empreendeu luta armada nos anos de 1980)

Na Catalunha sentia que podia participar com orgulho de sua cultura “não espanhola” de forma mais pública. O segundo motivo era mostrar apoio às mobilizações catalãs, mas não necessariamente ao independentismo. Por esse motivo ela não coloca a *senyera entrelada*, somente a *senyera*. Explica ela que todas as mobilizações nacionalistas “não espanholas” (catalãs, bascas, galegas e andaluz) possuem uma pauta cívica: seja por direitos linguísticos,

---

<sup>10</sup> 37 anos, basca, falava espanhol

como por uma maior autonomia das escolas sobre a língua que ensinam, ou por questões financeiras, como os regimes de impostos ou até para definir uma “emoção nacionalista pacífica”.

Das muitas outras bandeiras que identifiquei, algumas nem minhas interlocutoras mais conhecedoras deste universo simbólico sabiam me explicar o que significavam. Este era o caso da Figura 7: o design da bandeira simula o da *senyera estrelada*, mas foi remendada com a bandeira espanhola. Busquei especular os possíveis significados com minhas interlocutoras, mas nunca chegamos a uma conclusão satisfatória. Paula quando olhou para a bandeira questionou: “não sei dizer se esse é um espanhol independentista ou um catalão espanholista”.



Figura 7 – Bandeira mista. Fonte: Foto do autor.

A dúvida que a enigmática bandeira dava é qual se refere a posição que seu dono (ou dona) tinha sobre o *Procés*. Embora as bandeiras sejam usadas para provocação, como fez Ana, para solidariedade, como fez Maria, ou por uma questão emocional, como fez a Paula, acima de tudo elas representavam uma resposta à necessidade dos moradores da Catalunha em se posicionar publicamente sobre o *Procés*. Segundo Clua (2014), embora seja extremamente difícil definir o que singulariza a identidade nacional dos catalães (assim, como o de outras regiões da Espanha) esta necessidade de diferenciar-se e demarcar apoio e/ou identidade constituí uma das várias demandas públicas geradas pelo movimento independentista.

### **1.3. Os habitantes, suas atividades econômicas e o reflexo no espaço urbano**

Rambla, Gòtic, Eixample, Raval possuem espaços e ambientes muito distintos. Não só a fachada das ruas e a paisagem urbana entre eles são muito diferentes, como o perfil de seus moradores e, inclusive, a língua falada e escrita nestes lugares não é a mesma. Tudo contribui para diferenciá-los. Entretanto, estes locais, apesar de seus contrastes, concentram o cinturão turístico da cidade ao longo de quase todo ano. Na época em que cheguei, começo do outono, terminava a alta temporada de turistas, mas ainda assim toda cidade estava lotada por eles. Não era de se estranhar ver pessoas carregando malas por todos os lados, aglomerações andando muito lentamente em passeios guiados, além de ler e escutar inglês, espanhol, catalão, árabe, chinês, japonês e várias outras línguas, até mesmo português brasileiro.

O caminho que percorri no primeiro dia, entre a Estação e Las Ramblas, apesar de pequeno em sua dimensão espacial (possível de atravessá-lo em 30 minutos a pé) reunia vários grupos e dinâmicas sociais muito diferentes. Apesar da proximidade espacial entre os bairros e a presença da economia turística sufocante na região, suas respectivas comunidades faziam os bairros se constituírem em universos distintos. Seria mais comum os residentes destes bairros saberem das notícias sobre assuntos locais através de notícias midiáticas, do que por meio das pessoas que neles viviam, ou mesmo por observarem o fato nas ruas. O encontro entre tais grupos – moradores, turistas e pessoas de outras localidades da cidade – é evitado: cada pessoa vive em sua esfera de atividade e sair dela pode causar conflito ou ser um esforço penoso. Nesse enquadramento de interações, as pessoas tendem a dirigir as primeiras palavras a um desconhecido falando uma mistura de inglês e espanhol – e quando a tentativa de comunicação parece não funcionar, mantém somente o inglês, fazendo uso de uma expressão mais corporal; em nenhum momento tenta-se a língua local, o catalão.

Além deste formato de interações ser generalizado, o espaço refletia uma organização social centrada em torno das categorias locais. Se pode mapear a região a partir destas categorias locais: *guiris*, *barceloneses*,

*paquis/chinos, heavy/stakers, pijos e catalanhablantes / castellanohablantes.* Cada um desses grupos representava alguma atividade ou dinâmica típica da região e o nome do grupo se tornava sinônimo dessa atividade.

*Guiris* é uma gíria na Espanha para se referir a um turista, geralmente usado de forma pejorativa e pode, também, pode significar algo tolo, desnecessário e irritante. *Barceloneses* se utiliza dela para fazer uma referência aos autóctones da região, em sua maioria, moradores do Eixample. *Pijos* é, também, uma gíria local para se fazer referência a burguesia local, que, também, é geralmente moradora do Eixample. *Paquis e Chinos* seriam grupos imigrantes da região (*paquis* usado para imigrantes de descendência árabe e chinês para descendência de países asiáticos). O nome é usado como referência a um tipo de comércio onde estes grupos geralmente trabalham (pequenos bazares) e aos bairros que moram, por exemplo: “Raval é um bairro cheio de *paquis*”, “vá em uma *paqui* (bazar) do Raval, lá vai ter tudo mais barato” ou “É um carregador *chino*, comprei ele muito barato, mas é uma merda (querendo dizer que o produto é de má qualidade)”. *Heavy-Skates* se refere a um grupo de jovens que circula pela região da Ciutat Vella e se envolve com “atividades desviantes” (músicas heavy metal, pichações e grafite, tatuagens etc.). Cada uma dessas categorias mencionadas possui seus respectivos estereótipos aos quais são associados: “os hevys são delinquentes”, “skaters fazem barulho”, “*paquis* são um povo sem higiene”, “imigrantes são todos refugiados ou ilegais”, “barceloneses são soberbos”, “os *guiris* inundam a região” etc.

Estar vivendo neste centro urbano me propiciou a capacidade de fazer uma leitura destes tipos e de identificar suas complexas relações. Os bairros que formavam minha área de pesquisa, o coração metropolitano de Barcelona, todos possuíam atividades relacionadas ao turismo e as atividades que ocorrem nessas localidades bem como seus atores locais são tópico de discussão comuns entre os residentes na metrópole e de sua área mais ampla de influência – em geral, os povoados em volta da região que compõem a província de Barcelona.

De todos eles o Raval onde morava era o que possuía a pior fama. Dizer onde morava sempre gerava comentários entre os barceloneses. Eram frequentes as perguntas sobre minhas condições de moradia: “você se sente seguro?”, “não se incomoda com o barulho?”, “o Raval é tão ruim como se fala?”, “como você aguenta o turismo?” Isso para não perguntar diretamente como eu aguentava os *Paquis e Chinos*.

Nessa área central de Barcelona se localiza tanto a prefeitura quanto o palácio presidencial do governo autônomo. A presença de locais de tomada de decisões políticas e de maior presença de atividades econômicas e culturais atribui a área alta visibilidade para todos os fatos que nela ocorrem sendo por isso o local onde se centralizam os protestos do movimento independentista. Por outro lado, os tópicos de maior discussão da população catalã: a política, a economia, o turismo, a cultura, as transformações urbanas, as relações de classe e a imigração tinham sempre relação com os acontecimentos que ocorriam nesses bairros. Por tudo, isso ser morador da área era uma situação estratégica para minhas observações e as atividades e acontecimentos que eu vivenciava serviram de quebra-gelo em muitas ocasiões em campo.

Apesar da possibilidade de me aprofundar em toda complexidade da população deste centro urbano, gostaria de focar nos fenômenos e atividades que a envolviam como um todo, o turismo. Este não só enquadra a paisagem urbana e categorias sociais daquela região como também, é um tema recorrente entre os espanhóis e catalães. Eram frequentes frases como: “Espanha não tem nenhum futuro a menos que dure o sol, as praias e o turismo” esse é um refrão enraizado no pensamento sobre a cidade de Barcelona<sup>11</sup>. A atividade turística permeia é vista como causa dos grandes temas que dominam a área como a crise de moradias devida à especulação imobiliária, as transformações do comércio e mercado do trabalho, a saúde devido ao tráfico de droga e até a autenticidade do movimento independentista que é apropriado pelo mercado turístico como mais um ponto exótico de contemplação e consumo para os *guiris*.

---

<sup>11</sup> “España no tiene ningún futuro, salvo lo que dure el sol, las playas y el turismo”, frase dita por Julio Anguita em entrevista. Julio Anguita (1941-2020) - "España no tiene futuro, solo lo que dure el turismo" Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bwpq3KZE3wo>

Em 2018 o turismo representou 12,3% do PIB da Espanha. Subsetores econômicos relacionados com o turismo (como o setor de serviços) alcançam 12,8% do emprego total da economia (ICE, 2018). Esta atividade turística se desenvolve com a apropriação do local e do cultural como espaço e suporte para o seu desenvolvimento (LEITE, 2004). Consequentemente, o peso econômico do turismo pressiona as condições de vida locais, principalmente ligadas às dinâmicas habitacionais. Os efeitos do turismo sobre a região podem ser nocivos e predatórios; o turismo de massa tende a gerar processos de gentrificação, degradação e transformação dos espaços o que passa a interferir em hábitos e costumes locais (BARRETO, 2009). Por outro lado, a atividade pode ser oportunizada pela população no que se refere a geração de renda e ou o reconhecimento cultural local. E é nesse dilema que vivem os catalães.

No caso da economia catalã em 2018, o turismo representou aproximadamente 12% do PIB da Catalunha. O volume total de turistas na Catalunha no ano de 2018 foi de 38,7 milhões: 49,4% estrangeiros, 38,2% domésticos (catalães) e 12,4% do restante da Espanha (TEC, 2019). A Catalunha é o principal destino turístico na Espanha, e sua principal atração turística é a cidade de Barcelona. Os guias turísticos que trabalham na cidade contam em seus passeios a história do “mito fundador” do turismo de Barcelona, explicando: “nós estamos aqui por causa das olimpíadas de 92’. Meu trabalho (dizia o guia) veio graças a este evento e vocês (dizia ao público) podem disfrutar dessa linda cidade por causa do evento”. Segundo essa narrativa, a cidade possui a habilidade de projetar uma identidade histórica, moderna e cosmopolita graças aos projetos urbanísticos realizados durante os Jogos Olímpicos de 1992. Este legado urbanístico não apenas pôde ativar um importante setor turístico (BESSA E ÁLVAREZ, 2012), como também inserir a Catalunha como uma comunidade de marco e valor internacional, como dizia o mesmo guia: “uma das cidades e regiões mais visitadas no mundo”.

O fenômeno é tão relevante que o *Museu Etnològic i de Cultures del Món* dedicou uma exibição especial ao turismo como fenômeno essencial da etnologia contemporânea da Catalunha. Na parte inferior no museu, existem

exposições e arquivos etnológicos dos povos da Espanha e de outros povos do mundo. Na parte superior, dedicada a exposições e arquivos etnográficos mais modernos, está a exposição dedicada a artigos, imagens e objetos modernos que são essenciais às atuais sociabilidades locais. O museu expunha as sacolas dos vendedores ambulantes, cartazes turísticos, souvenirs turísticos e as bandeiras expostas na região.

A morfologia da cidade é moldada pelo turismo e isso gera várias críticas. A principal é o fato de que a cidade cresce a fim de ser um “parque turístico/parque de diversão”, como expressam vários catalães. A atividade tem gerando intensos processos de gentrificação que expulsam e inviabilizam a permanência de residentes vulneráveis das comunidades típicas de viviam nas áreas centrais da cidade. Muitas pichações espalhadas pela cidade, reunidas principalmente no centro turístico, dizem: “tourists go home!” ou “tourists kill cities” Esse incômodo a que se referem os residentes de Barcelona decorre da mudança de hábitos e até do ritmo de vida que, também, passou a ser “produto turístico”.

Vários fenômenos acontecem paralelamente ao espaço formal do turismo sendo consequência dele, como exemplo, a poluição sonora, batedores de carteira, tráfico de drogas/*narco pisos*<sup>12</sup>, e até mesmo o tráfico humano. Outra crítica que se faz diz respeito as consequências econômicas ligadas ao desenvolvimento turístico e subsectores de serviços relacionados ao setor. Afirma-se que a crescente dependência sobre o capital estrangeiro os preocupa a respeito da estabilidade financeira do país, mais uma vez afirmando que o futuro dura enquanto for possível consumir o espaço e a cultura.

Neste cenário de expansão da atividade turística, até mesmo o movimento independentista vira parte de sua economia. Em uma oportunidade acompanhei uma guia de turismo, a Giada. Ela indiscriminadamente repetia “o independentismo vende”. Tendo saído da Itália para trabalhar como guia em Barcelona desde 2012, Giada dizia que, no

---

<sup>12</sup>Habitações invadidas por gangues de tráficos de drogas a fim do consumo e produção de narcóticos.

começo, se preocupava que o independentismo afetasse seu trabalho: tinha que cancelar a excursão devido as manifestações e atos serem um possível problema. No ano de 2017, na época que ocorreu o referendun de independência, Giada temia que não conseguiria trabalhar devido as mobilizações. Soube que seus colegas criaram tours especiais nas manifestações, diz ela:

“As meninas (suas colegas) fizeram *tours of Independence* naquele mês. Eram poucos, mas ganhavam muito dinheiro. As pessoas se interessavam muito com tudo aquilo e não queriam perder suas viagens no hotel. Alguns saiam para ir acompanhar e tirar fotos. A gente (os guias) aproveita para dar uma experiência mais segura de tudo aquilo”

Com o tempo, o turismo começou a se apropriar mais e mais das mobilizações. Atualmente, se vendem vários souvenirs independentistas nas lojas de turismo: a *senyera estrelada* e artigos com os símbolos do independentismo. Em dias sem manifestações, os guias aproveitam para mencionar historietas exóticas sobre as mobilizações independentistas dentro de seus passeios. Giada contava que sempre gostava de misturar histórias recentes e antigas em seus *tours*. Quando caminha pelo bairro Eixample, além de contar a clássica história de construção do bairro, acrescenta histórias mais recentes e exóticas sobre o independentismo: mostra fotos de mobilizações, manchetes que recolheu de jornais e fotos com o cenário em época de manifestação.

#### **1.4 O que une e diferencia Eixample e Ciutat Vella.**

Como já mencionado, a região acompanhada é dividida em dois distritos: Eixample e Ciutat Vella. Esta última também é conhecida como distrito histórico, estando subdivida em dois bairros: Gòtic e Raval. A divisão desses bairros é feita pela avenida Las Rambas. Esta avenida possui uma fachada elegante que disfarça a aparência interna do Raval, bairro de classe pobre e imigrante. Todos os bairros são alvo de atividades e práticas turísticas, como os tours guiados, lojas de souvenirs, comércio e restaurantes. Portanto, o ambiente de cada um é afetado diferentemente. Enquanto Eixample dispõe de um espaço bem cuidado com comércios de luxo, Gòtic já sofre mais os efeitos da gentrificação, um comércio exclusivamente voltado para mercado

turístico e apartamentos alugados por Airbnb. O Raval, por sua vez, sofria com problemas de especulação imobiliária, pois constitui-se em uma área muito bem localizada e de baixo custo imobiliário graças aos edifícios antigos e de má conservação edilícia e urbana. Assim, o bairro do Raval sofre de esvaziamento de vizinhança pois os edifícios são vendidos e `guardados` para futuros empreendimentos imobiliários que no seu meio tempo são ocupados (invadidos) para serem *narco pisos* (um fenômeno envolvente o turismo, as drogas e a especulação imobiliária do bairro) o que reforça a fama de insegurança do bairro.

O bairro que tem maior influência nesta região é o Eixample (Figuras 8 e 9) que possui as atrações turísticas de maior fama de Barcelona: as casas de Gaudí, a basílica da Sagrada Família e a avenida de Gracia. O ambiente e paisagem do bairro de Eixample é dominado pela influência do grupo de habitantes autóctones, historicamente conhecidos como a classe dominante do nacionalismo catalão. Apesar do Eixample promover um ambiente “cosmopolita” por sua alta quantidade de imigrantes ricos, forte paisagem turística e comércio eclético, as relações entre os moradores deste bairro ainda são dispostas por categorias de classe, cultura e origem. Um dos fortes diferenciadores se encontra na língua falada, sendo a categoria dominante o *castellohalantes* (falantes de espanhol-castelhano como língua materna) ou *catalanhablantes* (falantes de catalão como língua materna). Assim, organização social e as possibilidades de inserção no bairro depende muito do capital cultural e econômico que os indivíduos possuem sendo as distinções do capital social centradas no uso corrente da língua. (BOURDIEU, 1994).



Figura 8 - Imagem aérea do Eixample. Fonte: Blog Pro Coletivo, 2019.



Figura 9 - Imagem de uma rua do Eixample. Fonte: Foto do Blog Pro Coletivo

Estas categorias de distinção linguística acima mencionadas exprimem o sistema cultural-político dos povos da Espanha, uma vez que a origem cultural, marcada pela língua ou dialeto materno e primário, é o objeto mais reconhecido para identificação e diferenciação entre as comunidades nacionais da Espanha (RUBIM, 2018). As primeiras comunidades a possuírem estatutos de autonomia, no período de redemocratização, foram justamente as regiões que tinham uma diferenciação linguística em sua população: País Basco e Catalunha em 18 de dezembro de 1979; seguido por Galícia em 1981. Tais comunidades linguísticas-nacionais da Espanha (Galícia, Euskadi, Valencia, Ilhas Baleares e, sobretudo, Catalunha) são permeadas por realidades sociais pluriculturais e plurilinguísticas, bastante significativas na história e relações sociais de tais regiões. Não se pode esquecer, por outro lado, que no período franquista uma das políticas empreendidas com o objetivo de fortalecer o poder central foi a proibição do ensino das línguas e dialetos regionais<sup>13</sup>, só o espanhol era permitido.

---

<sup>13</sup> Ministério da Justiça da Espanha em 18 de maio de 1938 proíbe qualquer língua que não fosse o castelhano no Registo Civil e no mesmo ano reitera o uso exclusivo do castelhano no Registo de Pessoas Jurídicas. No dia 16 de março de 1939, publica-se um ofício da Subsecretaria de Imprensa e Propaganda em que se assinalava que os idiomas regionais deviam ser proibidos.

A diferença linguística é relevante para entender a disposição dos grupos no espaço de Barcelona, principalmente no seu caráter de vizinhança e integração em espaços sociais (BOIX, 1997). Em pesquisa conduzida por Boix (1997) entre famílias e grupos linguisticamente mistos de Barcelona (todos espanhóis, mas de regiões diferentes) foi possível identificar como a diferenciação de origem etnocultural produz diferentes possibilidades de inserção social na sociedade catalã. Para participação de espaços culturais e eventos sociais de alto prestígio e até ocupar funções de reconhecimento institucional é preciso ter o domínio do catalão.

Nesta pesquisa os entrevistados usam o termo “bicho raro” (um esquisito, um *outsider*) para descrever uma pessoa que não se ajusta às concessões linguísticas da comunidade. Essa pessoa será alvo de estigmas e terá dificuldade na socialização nos espaços domésticos e públicos. Daí o estudo aponta que espanhóis *castelohablantes* afirmarem como necessidade aprender o catalão para conseguirem melhores oportunidades de emprego e de participação em espaços comunitários.

A investigação de Benedict Anderson (1985) acerca a ascensão das nações na Europa em fins do século XVIII e início do XIX nos retrata com precisão a influência das revoluções linguísticas geradas por promoções culturais, meios de comunicação de massa, sistema educacional e regulamentações administrativas organizadas por elites locais para promoverem e se apropriarem de um "nacionalismo oficial" com base em uma identificação nacional projetada nos idiomas vernáculos. Na Catalunha este período é conhecido como a *Renaxença* (1840 – 1880).

Notamos estes meios de afirmação cultural e linguística do nacionalismo catalão na própria formação dos espaços deste bairro: através da promoção arquitetônica de casas desenhadas por Gaudí, da vasta quantidade de instituições culturais como teatros e livrarias catalãs e até mesmo pela localização de escolas e da Universidade de Catalunha (UB). Estes comércios e instituições do bairro transmitem um retrato cultural da sociedade catalã e promovem o entusiasmo nacionalista. Igualmente, também é uma fonte de captação estrangeira, tanto para imigrantes ricos

entusiasmados em morar no centro cultural catalão quanto para turistas “culturais” animados em conhecer a produção cultural catalã.

Este nacionalismo catalão constitui a ideologia que alicerça o independentismo catalão (AMAT, 2018; CLUA, 2014) e, como a maioria dos nacionalismos, é sustentado por esta classe média burguesa de alto poder aquisitivo e capital cultural que patrocina as causas linguísticas, participa da organização de partidos políticos e constroem a plataforma eleitoral da região. Como já observado nesse bairro encontramos uma grande quantidade de bandeiras *estreladas*<sup>14</sup>, cartazes do Procés e laços amarelos pregados nos balcões das casas. A “estética independentista” passou a ser outra marca da paisagem urbana.

De todo modo, apesar das características dos moradores autóctones deste bairro, seria um equívoco afirmar que unicamente por questões identitárias-linguísticas, e por serem a elite nacionalista, este grupo define o independentismo catalão (Clua, 2014). O nacionalismo catalão, dominado por esta classe, não é o único fator do movimento de independentismo, apesar de sua importância para explicar o envolvimento do Procès. Segundo Montserrat Clua i Fainé (2014):

“O apoio recebido pelo projeto de independência é amplamente explicado pela capacidade que o discurso nacionalista hegemônico teve de mudar sua narrativa tradicional (focada principalmente em demandas de identidade e natureza linguístico-cultural), para focalizar propostas de participação democrática politicamente inclusiva, em uma ideia de cidadania compartilhada” (CLUA, 2014)

Um acompanhamento próximo do movimento aponta que as mudanças do discurso nacionalista não são formadas exclusivamente por esta classe nacionalista do Eixample, vários outros grupos como classes proletariados de castelhobalantes também são organizadores deste movimento (ARAMBURU, 2019). Vale bem ressaltar que o entusiasmo nacionalista e as mobilizações de grupos étnicos não acontecem de maneira única e passiva à intervenção dessa elite local, o nacionalismo é

---

<sup>14</sup>Bandeira não oficial de Catalunha, normalmente levada pelos apoiadores da independência da Catalunha para expressar seu apoio a uma Catalunha independente.

dialeticamente engendrado e filtrado por líderes e grupos locais de diversas posições, diferentes redes de tomada de decisão e diferentes autoridades, tanto elites quanto de massas populares (TAMBIAH, 1997).

## **CAPÍTULO 2 – Catalanitat: o espírito da festa e do protesto**

Neste capítulo discuto os eventos promovidos e organizados por grupos do movimento independentista catalão acompanhados no centro da cidade de Barcelona, especialmente entre os bairros *Gòtic* ou *Eixample*. O foco será a etnografia dos eventos culturais, datas comemorativas e festivas da região. Serão apresentadas duas festividades: *La Diada de Catalunya* (dia nacional da Catalunha) e *La Mercè de Barcelona* (festa da padroeira da cidade de Barcelona). Estas festividades se destacam como um grande momento de participação e presença civil no espaço público. Nelas são realizadas atividades culturais da comunidade catalã, como *sadanas*, *castells*, *correfoc* e *gegants*, e contam com a encenação de símbolos da *catalanitat*, o “espírito catalão”. As festividades catalãs, centradas no princípio da *catalanitat*, compõem atividades que expressam uma narrativa etnocêntrica, que singulariza e contrasta a cultura catalã entre as outras culturas regionais da Espanha. Por sua vez, estas formas de celebração desde sua organização até sua realização são momentos de fortalecimento da ideologia nacionalista locus da ideologia independentista, o que nem sempre é uma construção harmoniosa para todos os participantes.

### **2.1. Festividades como um cenário político**

- *11 de setembro de 2019 - Diada Nacional de Catalunya*

“O ato de homenagem ao monumento Rafael Casanova já começou. O presidente da *Generalitat*, Quim Torra, e os conselheiros da *Generalitat* são vistos em frente ao monumento. Enquanto faziam a oferenda, o hino espanhol foi ouvido em alto volume, vindo de um prédio próximo”. Fonte: “El País”, 2019/09/11.

O trecho acima vem de uma reportagem do jornal espanhol El País enquanto cobria a cerimônia de abertura da Diada em Barcelona. A

reportagem, divulgada em jornal eletrônico, possuía um vídeo em anexo. Nele se viam vários espectadores da oferenda indignados ao escutarem o hino espanhol. Olhavam ao redor procurando saber de onde vinha o som. Era perceptível que a música saía de um dos prédios residenciais ao redor, mas difícil de saber por qual apartamento o hino era reproduzido. A notícia causou alvoroço entre internautas das redes sociais pela afronta que significava tocar o hino espanhol na Diada.

Naquela época, tendo eu recém-chegado em campo, acompanhava as redes e mídias como o meio principal para conseguir “ouvir” e me informar sobre os eventos e mobilizações do Procés. Se por um lado era uma ótima maneira de me familiarizar com notícias e símbolos locais, por outro, ainda, era difícil conseguir interpretar as discussões e interações em rede, principalmente pelo desconhecimento da língua.

Pude perceber que participar das festividades do dia Diada seria uma forma de conhecer e entender um pouco da cultura local. Decidi ocupar o dia observando e fotografando as celebrações. Estava sozinho. Inicialmente a ideia era sair acompanhado o Lucas (33 anos, barcelones, catalão), amigo da Jessika, com quem fiz amizade rapidamente. Infelizmente, Lucas teve que cancelar nosso encontro na última hora.

Andando pela rua, o primeiro sinal festivo ocorreu logo ao chegar em Las *Ramblas*. Era um clima bem alegre, pacífico e agradável, ou seja, muito diferente do ambiente aglomerado e sufocante que é aquela via em um dia normal. A primeira coisa que notei foram os grupos de barceloneses vestidos, ao que parecia um código de vestimenta, a caráter para a Diada: camisa azul clara de tom neon com a mensagem escrita “*objectiu indpenendencia*”; muitos tinham broches com símbolos e mensagens independentistas (*libertat presos policts*) ou penduravam em suas roupas símbolo de solidariedade ao movimento, o *llaç groc* (laço amarelo); algumas pessoas se cobriram com a *senyera estrelada* (coloquialmente conhecida como a “bandeira independentista”), usando-a como uma capa ou amarrada na cintura. As pessoas se vestiam entre variações das cores azul, amarelo, vermelho e branco, as cores da *senyera estrelada* (Figura 10).



Figura 10 - Imagem do Dia da Diada. Fonte: Foto do autor, 2019.

Na *Plaça Sant Jaume*, localização do prédio da prefeitura de Barcelona e do Palácio da *Generalitat*, estava cheia de participantes paramentados para a festa. A maioria das pessoas eram jovens da minha idade, quase todos segurando alguma espécie de placa ou bandeira. Os que não estavam vestidos com a camisa azul compensavam sua falta com os *botons* e retalhos de símbolos nacionalistas e independentistas que cobriam seus casacos, roupas e mochilas. Nesta aglomeração vi as bandeiras das demais comunidades nacionais de Espanha: Ikurriña<sup>15</sup>, Estrela<sup>16</sup> e a bandeira da Andaluzia. Também haviam muitas placas, duas delas me chamaram atenção: numa se lia “*ni obli ni perdo*” (não se esquece, não se perdoa) junto de um desenho de uma urna e outra dispunha do desenho de *Euskadi* (território basco) colado com uma frase: “*uskal presoak euskal herria*” (presos políticos retornem ao país basco). Além destas bandeiras e cartazes, outras imagens e bandeiras mais conhecidas apareciam: a bandeira arco-íris LGBT, o símbolo de Vênus associado ao feminismo e a foice e machado associado a movimentos operários (Figura 11).

---

<sup>15</sup> Bandeira nacional da comunidade basca

<sup>16</sup> Bandeira nacional da comunidade galega



Figura 11 - As diversas bandeiras e símbolos do evento. Fonte: Foto do autor, 2019.

Os jovens partiram a caminhar. Aquilo mais parecia uma passeata do que a comemoração de uma data festiva. No caminho cantarolavam canções de protesto, em sua maioria em catalão. Repetidamente cantaram a canção “no volem ser”<sup>17</sup> (não desejamos ser) e o canto “els ca-rrers seran sempre nos-tras” (as ruas serão sempre nossas) – este mesmo canto tinha sua variação espanhola, com o mesmo ritmo, mas trocando as palavras: “Bar-ce-lo-na anti-fascista”. As bandeiras flamulavam em cima da marcha, ao lado das placas erguidas. Os manifestantes conversavam, fumavam e se divertiam. As conversas em sua maioria eram em catalão, mas também se escutava o espanhol.

O primeiro ponto do percurso da passeata foi a Catedral de Barcelona. Se reuniram em frente à igreja e formaram um círculo em volta de algumas caixas de papelão com os desenhos dos políticos do partido espanhol PP (Partido Popular de centro direita) e da VOX (partido de extrema direita espanhol). Puseram fogo nas caixas enquanto os gritos e canções se tornaram mais fortes, mas assim que o fogo começou, a demonstração foi vista em silêncio, sem canções, sem conversa e sem brincadeiras. Não ficaram parados por muito tempo e se puseram em marcha, saindo do bairro *Gòtic* e entrando no bairro adjacente, *El Born*. Dentro deste outro bairro, pararam em uma rua

---

<sup>17</sup> “No volem ser una nació de Espanya; No volem ser un país ocupar; Volem, volem, volem; Volem la independència; Volem volem, volem, Paisos Catalans”

estreita onde começaram a cantar *Bella Ciao*<sup>18</sup>. Alguns se puseram a rir e a dançar. Outras músicas também foram tocadas. Nas varandas dos prédios se viam moradores sorrindo. Os manifestantes olhavam e os chamavam, cantarolado: “*els yayas seran sempre nostras*” (as vovós serão sempre nossas). Os espectadores da varanda se puseram a rir.

A multidão de jovens foi se desfazendo aos poucos, chegava perto do horário do almoço. Com fome, aproveitei que estava no bairro *Born* e fui até a praça que sediava outro evento comemorativo que oferecia uma ceia. Chegando ao local, na via *Passeig del Born*, de frente a uma basílica, já se via o evento que vendia comidas típicas catalãs – *fideuá*<sup>19</sup>, *coca*<sup>20</sup>, *crema catalana*<sup>21</sup>, vermut e cava.

O evento dispunha de uma enorme mesa retangular onde todos se sentavam para comer lado-a-lado. Em uma cabeceira da mesa ficava um palco em frente à basílica na outra ponta da mesa estavam fotos dos *presos politics* e os pratos que estavam à venda. Após o almoço as pessoas que estavam comendo na mesa se reuniram em frente ao palco da praça para ouvir discursos dos promotores daquele evento. Discursaram acerca o memorial localizado na praça, sobre a festividade e em protesto aos presos políticos catalães. Neste palco algumas pessoas se organizaram em fileira, cada uma segurando uma placa com uma letra, juntas, formam a palavra *absolució* (absolvção) – em referência ao processo judicial contra os *presos politics*.

Apesar das narrativas e apresentações de protesto contra o encarceramento dos *presos politics*, a cena era festiva. Vários dos jovens que estavam na marcha foram a este almoço, encontraram com suas famílias, irmãs e irmãos, mães e pais e avôs e avós. As famílias, por sua vez, vestiam a camisa azul. Circulando o palco estavam pessoas que vestiam roupas ao estilo medieval-catalão. Dentre eles, muitos homens usavam a *barretina*, chapéu típico da região (vide figura 12). Neste cenário da praça, as fachadas

---

<sup>18</sup> Música mais recentemente popularizada pela série espanhola de sucesso, *La casa de papel*. Historicamente esta música foi adotada como um hino da resistência antifascista pelos partidários italianos entre 1943 e 1945.

<sup>19</sup> Uma variação catalã da paella que substitui o arroz por macarrão.

<sup>20</sup> Um doce feito com massa frita e coberto de açúcar

<sup>21</sup> Um doce feito de creme de gemas.

dos prédios dispunham de faixas e cartazes “independentistas”, como as mensagens: *presos politics, objectiu independencia, ni oblio ni perdó* (Figura 12).



Figura 12 - Imagem da Diada no momento que manifestavam pela absolvição dos *presos politics*. Na foto, também se vê a barretina, chapéu catalão. Fonte: Foto do Autor, 2019.

Atrás do palco havia uma rua com uma feira improvisada. As camisetas azuis, os símbolos e muitas outras coisas do feriado eram vendidas ali. As tendas dos vendedores possuíam o nome das organizações promotoras do evento: “*Òmnium Cultural: Llengua, cultura, país*” (Òminum) ou “*Assemblea Nacional Catalana*” (ANC). Alguns cartazes dispunham de informativos ou mensagens dessas organizações: “*Òmnium é a maior entidade cívica e cultural da Europa*”; “*a desobediência civil é um direito*”; “*precisamos de um Ò Ctivista<sup>22</sup> como você: se envolva*”. Comprei algumas coisas para me sentir menos estranho no meio de tantas pessoas claramente vestidas para a festividade.

À noite, fui ao show público em frente ao *Parc de la Ciutadella*, organizado pela Òminum. Estava lotado. O cenário do parque era, como em todos os cantos da cidade, repleto de bandeiras (Figura 13). Naquele espaço, durante o dia, havia ocorrido uma feira de produtos catalães ou produtos vindos de povoados vizinhos, também, organizada pela Òminum.

---

<sup>22</sup> ÒCtivista: Òminum Cultural ativista



Figura 13 - As bandeiras vistas (de cima para baixo) são: a *estrelada*, *inkuriã* e a *república espanhola*. Fonte: Foto do autor, 2019.

Atrás do palco viam-se luzes de carros da polícia e sirenes. Indo bisbilhotar para saber o que acontecia, encontrei a polícia escoltando pessoas para fora do parque. Alguns celebrantes também foram olhar e se reuniram em volta da cena. Este clima já não era tão lúdico quanto àquele do show a poucos metros de distância. Os poucos celebrantes que saíram do show e foram até a entrada do parque olhavam indignados, xingavam ou zombavam dos policiais. Os que faziam mais barulho estavam bêbados, mas esses eram poucos, a maioria observava par aos policiais com um olhar de reprovação. Com o tempo os olhares se transformaram em ações: tremulavam as estreladas em frente aos policiais, cantarolavam e criticavam a polícia; apesar de estarem indignados, os xingamentos e comentários que faziam produziam risadas. Eles zombavam a presença policial com danças e cantos, mas os policiais não reagiam, somente vigiavam os indignados e auxiliavam os colegas que estavam escoltando as pessoas para fora do parque. Aqueles escoltados se vestiam iguais aos demais celebrantes da Diada e dos que observavam a cena. Os observadores permaneceram zombando e insultando os policiais. Não me senti seguro naquele espaço e decidi voltar para casa.

- ***24 de setembro de 2019 – festa da Mercè de Barcelona***

A *Plaça San Jaume* estava lotada, as pessoas espremidas ombro no ombro. Durante a semana a cidade organizou eventos culturais para

comemoração da *La Mercè*, a padroeira de Barcelona. As atividades e espetáculos festivos da semana reúnem elementos da cultura popular catalã: no dia 23 de setembro houve um *correfoc* - uma procissão onde pessoas se vestem com fantasias de demônio e correm com tochas pelas ruas; dia 22 de setembro houve uma *sardana* - dança catalã, e no dia 19 houve *castellers* - performances de torres humanas. Fui sozinho a esses eventos, mas no dia 24 consegui a companhia de Lucas (32 anos, barcelones, catalanhablante) para ver a apresentação dos *gegants*, um teatro de bonecos gigantes, e dos *castellers*.



Figura 14 – Dança dos gegants enfrente a Plaça Sant Jaume. Fonte: Foto do autor, 2019.

Tínhamos acabado de ver os *gegants* dançarem no centro da praça. Os bonecos fizeram grande sucesso, principalmente entre crianças. O público aguardava ansiosamente pelos *castellers* que estavam a caminho da praça. Nos balcões do prédio da Prefeitura se viam funcionários públicos e políticos que observavam. Eles estavam tão espremidos quanto os espectadores reunidos na praça. A presença deles era importante pois tinha sido colocado o *llaç groc* na fachada frontal do prédio da prefeitura que significava apoio ao independentismo. O famoso laço se via por toda cidade, mas tê-lo na prefeitura era uma polêmica nacional e o governo central da Espanha tinha pedido que tirassem o laço, o que não foi feito.

Eu e Lucas estávamos levemente desorientados entre a multidão. Não sabíamos quando iriam começar a apresentação dos *castelers*. Ele me conta: “As torres começam ao som das *grallas*<sup>23</sup>, devemos esperar”, mas não se ouvia nenhuma música. Lucas também não avistava nenhum *casteller/castellera*, Ele era baixo, então não conseguia ver muito, mas contava que não seria problema para ver os castelos; “eles vão muito alto, é fácil para uma pessoa baixa apreciar; eles (os *casteller* e *castelleras*) também vestem um traje especial fácil de distinguir: usam uma faixa preta envolta do torso, camisa nas cores de sua *penya* (grupo), calças brancas, capacetes, lenço da *penya* da sorte”. Seguindo sua intuição, Lucas sugeriu que fôssemos, na medida do possível, o mais próximo da fachada principal do prédio da presidência, “será lá onde vão montar os *Castells*.”.

Lucas acertou! A apresentação começou logo em seguida. Os grupos de *castellers* entraram na praça montados em torres humanas simples (Figura 14), 3-4 pessoas um em cima uma da outra, sendo transportados por uma base formada por seus companheiros. No topo ficavam crianças entre 6-8 anos. O último grupo a se apresentar na praça possuía uma garotinha no topo da torre, segurando em suas mãos uma bandeira escrita “*presos politics*”. Foi recepcionada com palmas e animação. As torres passavam em frente à sacada da presidência e saudavam as autoridades antes de se moverem para o lado e criar espaço para outros malabarismos que faziam parte da apresentação dos *castelers*.

---

<sup>23</sup> Um instrumento tradicional catalão



Figura 15 - Casteller em frente ao palácio. Fonte: Foto do autor, 2019.

Logo ouvi o som das *grallas*. Olhei para um dos grupos que estavam vestidos de azul. Um membro levantou sua mão em um punho e logo muitos outros parceiros se reuniam em volta desta pessoa. Os mais próximos seguravam no punho e logo se fazia uma rede de pessoas abraçadas e se segurando: essa é a base da torre, chamada de *pinya*. Ela vai aumentando em sua dimensão e chega um momento que os membros de fora deixam de abraçá-la e começam a subi-la. Tudo acontece ao som das *grallas* e as torres são formadas muito rápido. Enquanto observava um dos grupos, vários outros já estavam a completar a torre.

As torres podem ter várias configurações diferentes, criando formatos de torres variadas. Algumas são altas, outras são grossas, outras criam camadas de torres humanas dentro de torres humanas. Tudo é realizado com o máximo de técnica e cuidado e Lucas explica que `estes grupos de apresentadores passam o ano inteiro praticando. Nunca conheci um *casteller* ou *castellera*, mas dizem que seus membros são muito unidos e passam o tempo todo falando de *castells`*.

Enquanto as torres se apresentavam, em cima de um dos prédios desceu uma grande bandeira (Figura 15). Todos se puseram a aplaudir e logo

começaram a cantar. Lucas cantou junto. Cantavam *Els Segadors* (os foiceros), hino nacional da Catalunha<sup>24</sup>.



Figura 16 - Imagem do *casteller* junto à grande *senyera estrelada*. Fonte: Foto do autor, 2019.

Um membro do grupo que estava na Prefeitura começou a fazer um pronunciamento (em catalão). Lucas fez uma rápida tradução para que eu pudesse entender:

“A *catalanitat* sempre foi o motor dos direitos e da liberdade. Na Catalunha temos uma cultura diferente e a sua expressão sempre foi o nosso protesto ... temos maiorias, tecemos a fraternidade ... a excepcionalidade do espírito de um povo soberano.”

As pessoas comemoraram o discurso, aplaudiam até os membros da Generalitat que estavam observando no balcão do palácio. O hino novamente

---

<sup>24</sup> Catalunha triomfant, tornarà a ser rica i plena. Endarrera aquesta gent tan ufana i tan superba; Bon cop de falç! Bon cop de falç, defensors de la terra! Bon cop de falç! Ara és hora, segadors. Ara és hora d'estar alerta. Per quan vingui un altre juny, esmolem ben bé les eines. Que tremoli l'enemic, en veient la nostra ensenya. Com fem caure espigues d'or, quan convé seguem cadenes.

começou a ser cantado pela plateia. Me senti constrangido por ser o único que não cantava, não sabia as letras nem pronunciar elas.

Quando a música acabou, os castelers terminaram a sua apresentação e eu e Lucas já estávamos saindo da praça, perguntei a ele se outros em nossa volta teriam se incomodado pelo fato de não ter participado, cantado ou aplaudido. Ele me disse que não era nenhum problema e caso alguém chegasse a me notar quieto, não pensariam mal disso. Explicou que aquela apresentação que a gente viu na Plaça Sant Jaume, reunindo enfrente a “políticos independentistas” e em uma data muito simbólica para governantes da cidade, todos espectadores sabiam o que estava por vir. Quem guardava maior expectativa e animo para aquele evento eram os independentistas. Alguém que não estava de acordo com toda aquela demonstração e expectativa não estaria lá.

As festas catalãs supracitadas, a Diada e a Mercè, são celebrações que causam muitas mobilizações sociais entre catalães. Ambas são reconhecidas como datas especiais e significativas para a comunidade. São momentos de forte “efervescência e eficácia social”, significando que elas ajudam a reafirmar as sociabilidades da comunidade e sua identidade cultural (DURKHEIM, 1996).

Contando com a relevância sociocultural das datas festivas e de seu histórico, o *Procés* – tanto em sua simbologia como discurso – passou a ocupar espaço nos eventos festivos que evocam o espírito da identidade nacional. Como relatei, os promotores e espectadores das festas faziam questão de enfeitar e celebrar tais datas junto de símbolos e discursos independentistas pois um processo reforça o outro. A festividade é uma expressão de construção cultural nacionalista que reforça mobilizações políticas, especialmente as mobilizações independentistas.

Assim, as manifestações culturais, as festas aqui relatadas e outras que fazem parte do calendário festivo da Catalunha são marcadas desde a construção do cenário festivo, enfeites de rua até o padrão de vestimenta eram marcadas pela simbologia do *Procés*: cartazes com mensagens aos presos políticos, trajar-se com a *estrelada* (a “bandeira independentista”), vestir-se

nas “cores independentistas”, cantar o hino da Catalunha, cantarolar músicas nacionalistas, gritar palavras de ordem a favor dos presos políticos etc. Essa mesma observação pode ser encontrada em outras etnografias que acompanharam o movimento independentista catalão onde foi enfatizado a narrativa e “estética *independentista*” e de como ela permeia a cultura festiva da comunidade (PADRÓS, 2019; KAMMERER, 2014).

É um movimento de duas mãos que mistura nacionalíssimo e protesto uma vez que ao acompanhar datas comemorativas do *Procés*, como é o caso do dia do referendun independentista e 1º de outubro (coloquialmente conhecido como “*I- O*”) pude observar que o repertório simbólico do independentismo (a *estrelada*, o *llaç groc*, os cartazes e a canção “*no volem ser*”) é o mesmo das festividades folclóricas catalãs pois esses se mesclam a músicas e hinos nacionalistas. Os dois repertórios são identificados como símbolos que conseguem instaurar um senso de *catalanitat*.

## 2.2. O espírito da *Catalanitat*

Na Catalunha, as ideias e práticas que representam a expressão da identidade catalã são chamadas por *catalanitat* (catalanidad ou catalanismo em castelhano). Os dias festivos, por sua vez, seriam momentos de expressão e mobilização de atividades comunitárias que celebrem um senso de *catalanitat*. Como visto nas festas que acompanhei, dias especiais da *catalanitat* podem envolver tanto performance, machas, cantos, danças vestimentas e, também, um ato de protesto. As datas hoje incorporadas ao calendário festivo tanto podem ser homenagens a um santo como se referirem ao que no passado foi um ato de protesto, guerra etc.

A própria data em que é celebrado o dia nacional de Catalunha, a Diada, seria uma conjugação do festivo com uma forma de protesto e resistência. Em 11 de setembro de 1714 marca o fim da guerra de sucessão espanhola, data da derrota da oposição catalã à família Bourbon (atual família real espanhola). Significa a perda de autonomia das instituições catalãs e a submissão política da região à uma unidade sociopolítica espanhola. A *Diada*

*de Catalunya* relembra a derrota e a perda de liberdades, porém, por outro lado, reafirma a demanda sócio-histórica da defesa dos aspectos folclóricos, linguísticos e civis da sociedade catalã.

Roberto Cardoso de Oliveira (1995), descreve a *catalanitat* como uma ideologia étnica cujo princípio é a construção de uma antonímia entre Catalunha-Espanha. Para o autor, a expressão mais definitiva da identidade catalã não seriam características linguísticas, territoriais ou fisiológicas, mas o contraste que catalães e espanhóis (castelhanos) possuem e prescrevem entre si. A expressão mais simples e direta desta ideia é a constatação “*Catalunha no és Espanhya*”, mote que é constantemente afirmado por catalães. Além deste, outros mecanismos e convenções são criados como veículos da *catalanitat*, um deles, sendo as festividades. Nessa linha é importante dizer que o calendário festivo da Catalunha não apenas se difere pela celebração de importantes datas locais como também pela negação de datas festivas espanholas. Um exemplo é o dia da “hispanicidad”, 12 de outubro, ao contrário do que se pode pensar não é um dia comemorado em toda a Espanha. Os catalães não comemoram nada nesse dia e mais marcam a data em seus calendários como “*Res a celebrar*” (nada a celebrar).

Dessa forma, a *Catalnariat* tanto é um importante princípio que se expressa nas realizações festiva e ritualística da Catalunha, quanto um princípio de mobilização e promoção política. Como mostra Montserrat Clua (2014), os conflitos gerados pelo movimento de independência na Catalunha parecem estar centrados na interpretação e construção da identidade cultural da população. O conceito de “autodeterminação” evocado pelo movimento independentista é afirmado e construído a partir do princípio de que a cultura catalã possui singularidade, reconhecimento e qualidade nacional. Ou seja, reivindicam a autodeterminação porque possuem uma *catalanitat*. Obviamente a razão “culturalista” não seria a única razão de origem do independentismo, uma vez que as suas narrativas e interpretações também incluem uma insatisfação da população catalã em relação à economia e a política do governo espanhol (CLUA, 2014). No entanto, é relevante observar que as expressões performáticas, semióticas e discursivas da construção da

catalanitat nos dias festivos constituem a base das mesmas reinvenções do discurso do Procés.

Embora a afirmação da *catalanitat* seja uma importante categoria para expressar o espírito de ser catalão e adquirir visibilidade por diferentes celebrações não existe um consenso sobre as qualidades e expressões que a compõe; genealogia, religiosidade, língua ou territorialidade.

O que nossa observação indicou foi um misto de diferentes expressões. Desde a importância da língua como visto no capítulo 1 até a *senyera* e a *senyera estrelada*, a canção de *Els Segadors* e da música “*no volem ser*”. Todos os símbolos apareciam em performances, eventos e atividades que expressavam forte orgulho nacional catalão e, igualmente, tinham uma forte natureza política.

O primeiro ato que observei utilizando estes símbolos e canções foi durante a Diada quando o presidente da *Generalitat* entoou o hino da Catalunha, *Els Segadors*, e no meio de tanto orgulho dos presentes esse foi interrompido pelo hino espanhol e foi possível observar o quão ofendidos se sentiram os participantes em sua Catalanitat. Por outro lado, em outra ocasião observei que manifestações simultâneas de expressões culturais foram admitidas com aprovação. Um exemplo ocorreu na festa da Mercê, durante a performance de *castells*. As torres humanas eram feitas ao som de músicas catalãs e, quando as torres eram completadas, as pessoas se puseram a cantar *Els Segadors*. Na ocasião houve outra performance quando os participantes professavam um discurso nacionalista ao lado de uma grande *senyera estrelada*. Apesar de não terem sido planejados juntos não foram entendidos como interferências ou interrupção (como aconteceu na oferenda da *Generalitat*), pois ambos utilizavam um repertório simbólico que exaltavam a Catalanitat.

Por outro lado, por mais que tenha observado que as festividades catalãs e os atos do movimento independentista se utilizem dos mesmos símbolos indiscriminadamente e que, portanto, o sentimento de catalanitat os unirem não se pode dizer que exista um consenso com essa visão. Em minhas observações em campo alguns de meus interlocutores demonstraram incomodo

com o uso dos símbolos *independentistas* em suas celebrações e festividades afirmando que a identidade da comunidade não deveria se politizar e sim manter um caráter comunal-popular. Esse foi o caso de uma professora minha, Ana<sup>25</sup>, que entendia ser a *catalanitat* expressão de orgulho da comunidade e sua cultura, presentes na família, tradições e a língua catalã. Ana, como disse, rejeita o “independentismo” e o vê como uma “política disfarçada de nacionalismo”. Ao seu ver, o independentismo descaracteriza uma data voltada à celebração comunitária, em suas palavras:

“A Diada é um dia muito especial e muitos se emocionam por ela. É para celebrar em família, era para dançar *sardanas*, aplaudir *castelers* e comer e beber entre amigos; hoje em dia muitos tornam o feriado em manifestação *independentista*, causa muito tumulto e faz com que muitos (como ela) não queiram sair de casa” – Ana

Essa observação leva a dois entendimentos da *Catalanitat* que se não compreendidos pode levar a que as datas festivas acabem se tornando uma disputa entre visões acerca a *catalanitat*: *catalanitat-comunidade* ou *catalanitat-política*. No primeiro caso, as qualidades catalãs e sua identidade deve se manter em uma apresentação lúdica e comunitária, ressaltando elementos linguísticos, familiares e folclóricos. Na segunda visão a *catalanitat* deve exaltar seu caráter político, de diferenciação de elementos espanhóis, ressaltando demandas políticas como maiores autonomias regionais. Essas disputas de expressão não apenas ocorrem entre os participantes, como também entre os organizadores das festas que precisam negociar entre si para a realização da festa (CRESPI-VALLBONA & RICHARDS, 2007).

Essa virtual disputa das visões sobre *catalanitat* e celebração podem gerar um medo pela celebração da data e do uso de certos símbolos. Com a chegada da Diada, Ana me alertava que eu não deveria usar nenhuma roupa ou símbolo que fosse político. Seus avisos sempre eram acompanhados de exemplos de Diadas anteriores que terminaram em brigas de rua por conta de disputas nacionalistas. Quando a encontrei após a Diada, ela me contou que

---

<sup>25</sup> 40 anos, barcelonesa, língua materna o catalão, língua primária o espanhol

se sentiu extremamente insegura nas celebrações que ocorreram em seu bairro, mencionando como a visão de tantos jovens usando a estrelada lhe preocupava. Com isso, Ana lamentou o fato do clima das festas está perdendo “seu encanto”, elas estariam se tornando manifestações políticas, o que a fazia não querer participar.

A Ana foi uma das duas pessoas que conheci em campo que possuem este medo de celebrar. Em outros casos que acompanhei minhas interlocutoras de campo não possuíam receio em celebrar a Diada, seja aquelas que se afirmam independentistas ou não. Muitas ressaltaram a preocupação de brigas de rua acontecerem por conta do nível de álcool que muitas pessoas consomem. Embora percebam que existe uma contração de símbolos independentistas para celebração das festas, não veem isso como problema, uma vez que para elas o objetivo dos dias festivos seria expressarem a *catalanitat* da qual entendiam fazia parte o protesto.

### **2.3. A tradição em movimento: o papel ambíguo entre festas e protestos**

No sentido de dialogar com o tema da Catalanitat relacionando a festa/comemoração com protesto/política faz-se necessário recuperar o contexto histórico do território e das festividades catalães, ressaltando a ideia do significado das festividades no ao longo do período político dominado pelo franquismo (1939–1975) e pós-franquismo denominado processo de redemocratização da Espanha (1975 – 1978). Estes dois marcos temporais constituem processos conflituosos e relevantes para a atual configuração sociopolítica da Espanha, principalmente para a integridade do Estado Espanhol e os estatutos de autonomias das nacionalidades espanholas. Ambos os períodos, são pautados pelo paradigma de integração e interpelação entre os “povos da Espanha” e se deparam com a dificuldade de “centralizar” (no caso franquista) e/ou “unificar” (no caso da redemocratização) um território cuja estrutura étnica e cultural entre seus povos se depara com línguas e instituições locais bastantes distintas. As principais regiões autônomas da

Espanha (Catalunha, Galícia, Euskadi e as regiões castelhanas) e variam entre sistemas de educação, impostos, linguagem e até mesmo calendários festivos/comemorativos.

O período de redemocratização, coloquialmente conhecida como a *Transición*, contou com várias conquistas relacionadas à reaparição de festividades nacionalistas no espaço público (GOETZE 2004). As mudanças sociais pós-franquismo e os processos de redemocratização, tanto em nível estatal-político quanto local-cultural, serviriam para (re)“imaginação<sup>26</sup>”, tanto de um Estado da Espanha democrática e como da livre expressão cívica (MORENO, 1997). O intuito de recuperação do histórico de perseguição cultural franquista, aliado ao próprio histórico das comunidades culturais em preservarem sua cultura e identidade, levou ao atual conceito existente na Espanha de nacionalidades “não espanholas” como um direito cívico (MORENO, 1997). Como aponta Goetze (2004), esse período de reaparição de tradições culturais veio acompanhada da construção de um imaginário de cidadania plurinacionalista. Nesse ideário, cada cidadão possui o direito de reivindicar, aprender e celebrar sua identidade nacional.

Duas formas se destacam na expressão desse direito de cidadania plurinacional: o ensino e uso da língua e a celebração de festividades. Por sua vez, essas festividades são um importante veículo de construção pública e política, da maneira como observa Da Matta (1981) onde por trás destes eventos de dramatização e performance a sociedade é capaz de personificar sentimentos e sociabilidades, assim podendo transformá-los em instrumentos identitários, como uma identidade do Estado Nação e/ou uma identidade cívica e cultural. As festas na Espanha pós-franquismo conotariam essa personificação, tornando-se símbolo de liberdade e espontaneidade democrática para além de seu caráter como de folclore.

Pode-se observar esta interdependência entre redemocratização espanhola e o cenário festivo descrita em vários casos etnógrafos (GOETZE,

---

<sup>26</sup> Anderson, 1991

2004; PUJADAS & COMAS D'ARGEMIR, 1991). Um exemplo emblemático é o caso da *Sardana*<sup>27</sup> da Catalunha, uma dança folclórica frequentemente feita durante os dias santos e festividades religiosas. O tom religioso das *Sardanas* foi uma estratégia utilizada por muitos anos, período franquista, para proteger de perseguições e censuras culturais uma manifestação da cultura catalã que era proibida (PUJADAS & COMAS D'ARGEMIR, 1991).

Assim, dado seu `caráter religioso` a atividade não foi cassada pela política de unificação cultural franquista. A *Sardana* se manteve como um importante instrumento de subvenção e preservação de um senso de identidade catalã. Com a redemocratização pós-franquismo, ela mudou seu significado para um símbolo ritual de resistência e passou a representar o conceito de uma Catalunha progressista e liberal. A *Sardana* possui um sentido de coletividade onde todos podem participar dado que pode ser realizada com a participação de muitas pessoas. Exige, ainda, capacidade de coordenação, precisão coletiva e esforço comum simbolizando a expressão e a recuperação do senso de identidade nacional (PUJADAS & COMAS D'ARGEMIR, 1991). Ou seja, a *Sardana*, passou de uma manifestação folclórica catalã para um ato religioso (com certa conotação subversiva) e por último uma resistência cultural uma expressão de estado cívico (Figura 16). Em campo, em muitas ocasiões vi *Sardanas* sendo dançadas em manifestações, onde vários manifestantes desconhecidos se uniam em uma dança sincronizada onde era evidente o sentimento de demarcação de identidade dos manifestantes, instaurando um senso de catalanitat a mobilização (Figura 17).

---

<sup>27</sup> Dança folclórica popular catalã, caracterizada por um círculo formado por dançarinos de mãos dadas, a música e a melodia são tão importantes quanto a coreografia.



Figura 17 - A *sardana* como manifestação folclórica. Fonte: [https://cultura.gencat.cat/ca/detall/Noticies/N\\_SardanaPI](https://cultura.gencat.cat/ca/detall/Noticies/N_SardanaPI), acessado em novembro de 2019.



Figura 18 – A *sardana* como manifestação política. Fonte: <https://www.naciodigital.cat/noticia/49430/sardanisme-independentista>, acessado em novembro de 2019.

Como acompanhado por Kammerer (2014), vários atos performáticos e festivos catalães ainda se organizam com discursos de recuperação e garantias democráticas, a partir da expressão espontânea de orgulhos nacionais catalães, como é o caso da festa e elementos culturais utilizados na *sardana*. Estes atos, assim como o histórico entre a redemocratização e as festividades catalãs, procuram reafirmar valores e sentidos de autonomia,

espontaneidade e expressividade a partir do festivo. Susana<sup>28</sup>, uma entrevistada que era amiga da Ana e independentista, me descrevia os eventos e mobilizações independentistas como “cívicos, criativos, espontâneos, importantes, pacíficos”. Em uma medida ou outra, essas descrições eram compartilhadas por Paula e Maria, quando contaram sobre suas chegadas na Catalunha e de como vieram descobrir que não há nada a temer nas mobilizações independentistas e festividades catalãs; Maria chegou a descrever eventos e mobilizações independentistas como “festivas” e “alegres”. Quando eu perguntei para Susanna o que fazia esses eventos terem as qualidades que ela apontava, me disse que: (i) são eventos “multitudinários”, o que significava uma ampla adesão popular e suposta legitimidade social; (ii) que todos os eventos independentistas e festivos da Catalunha envolvem a todas e todos; e que (iii) “todos estamos participando de algum modo do *Procés*”.

Alguns desses pontos de construção do festivo e da mobilização independentistas são expressos no trabalho de Kammerer (2014) -- diz a autora no seu acompanhamento da Diada de 2013. A autora, acompanhando um ato que aconteceu nesta Diada explica o processo de construção de uma cadeia humana que conectasse povoados e cidades entre as cidades catalãs. Falando das pessoas e personagens que compunham tal cadeia, descreve a autora: “os *gegants Carlos Magno* e *Anna Gironella* e vários *cabezudos*, incluindo *esquivamosques*<sup>29</sup>, músicos e outros membros da *troupe* participaram da cadeia humana pela independência.” Estas pessoas que a autora se refere são personagens folclóricos catalãs e cidadãos seguravam as mãos, lado a lado, fazendo uma fila que atravessa o território da Catalunha para expressar em dimensão numérica e territorial a importância da participação catalã. A construção dessa fila com personagens folclóricos, cidadãos e apoiadores marcava o sentido de unidade, solidariedade e participação que são típicos da expressão de um senso de *catalanitat*.

---

<sup>28</sup> 44 anos, gironesa, falante de catalão e espanhol

<sup>29</sup> Personagem folclórico que é encontrado em procissões locais.

## **CAPÍTULO 3 – Tumultos, Motins e Desobediência como expressão do Procés**

Na interpretação do antropólogo indiano Stanley Tambiah (1996) os conflitos nacionalistas, étnicos e distúrbios cívicos seriam expressões coletivas altamente dramáticas e, portanto, possuindo uma expressão ritualística. Explica, ainda, que o ritual é uma performance, sugerindo três modos de observá-los como tal. Primeiro, o ritual é um ato de comunicação de símbolos e ideias. Segundo se utiliza, simultaneamente, de vários meios de comunicação; palavras, imagens, sons e sentimentos. Por último, ele não precisa ser um ato especial e único, porém deve ser capaz de dar valor, distinção e reconhecimento a coisas ou pessoas. (TAMBIAH, 1996). A sua etnografia desses modos de mobilização, por sua vez, buscou compreender as expressões ritualísticas e entender os sentidos por trás dos atos de desobediência: como elas se organizam. Que intenções possuem seus atores durante sua realização e/ou participação? Quais as expressões, atividades e atos típicos conduzidos nessas mobilizações?

Neste modelo teórico de Tambiah, as pessoas não seriam ignorantes ou alienadas sobre o poder e eficácia de seus rituais; na verdade, as intenções, ideias e objetivos pessoais são parte constituinte do que faz o ritual. Desse modo, enquanto acompanhava mobilizações independentistas no cenário festivo da comunidade catalã, também pude entender as manifestações e tumultos dos independentistas como atos simbólicos, reflexivos e performativos.

O acompanhamento dessas mobilizações na forma de tumultos e atos de desobediência cívica ocorreu, principalmente, ao longo do mês de outubro de 2019. Em novembro, também, ocorreram outras manifestações, porém não pude acompanhá-las pois predominaram na forma de barricadas e acampamentos bloqueando estradas na fronteira Espanha e França. Apesar de receber chamadas para participar dessas barricadas, decidi não ir por: (i) não possuir interlocutoras nessas localidades; e (ii) estar acompanhando o acompanhamento na praça da universidade em Barcelona.

Precede a estes tumultos, uma série de eventos e decisões tomadas pelos atores locais. São fatos que contextualizam as mobilizações e procuro recuperá-los apresentando sua cronologia para, em seguida, começar a apresentar as mobilizações.

### **3.1. Outubro 2019 e os resultados do processo judicial dos `presos politics` da Catalunha**

- ***Segunda dia 14 - pôs juicio do Procés***

Por volta de 6:00 da manhã saiu o veredito sobre o julgamento dos *presos polítics*. O processo judicial começou em 2017 e transcorreu ao longo de mais de dois anos de sessões, investigações tudo acompanhado por grande comoção popular. Embora o julgamento, na perspectiva do estado Espanhol, pretendesse marcar fim do caso, para os independentistas da Catalunha o veredito foi um estopim para o movimento com incremento das mobilizações. O resultado, como muitos esperavam, foi a sentença de prisão. Embora alguns descrevessem como “óbvio” que esse seria o resultado para muitos de meus informantes não deixou de ser um abalo. Na noite anterior, Lucas (32 anos, barcelonês, catalão) e Roger (33 anos, barcelonês, catalão) já previam que o resultado seria esse. Perguntei se isso iria afetar as mobilizações, o que Roger respondeu: “a injustiça já começou quando barraram o referendo, logo teve a prisão preventiva dos *presos politics* e agora terminam sentenciando a 100 anos de prisão. Se as mobilizações não acabaram no 1-0, certamente não terminam hoje (14 de outubro). A indignação é a mesma. Nada muda. ”

Na manhã do veredito conversei novamente com Lucas e Roger. Eles não haviam lido a sentença na íntegra (493 páginas), ficaram sabendo da informação via familiares, plataformas de notícia (jornais e redes sociais) e conversando com amigos. Das milhões de coisas que os dois apontaram como injustas e arbitrárias sobre o processo, aquilo que mais lhes frustravam era a caracterização que a sentença fazia sobre violência, sedição e rebelião ocorrida no dia 1-0. Me enviaram por mensagem o recorte de uma página que circulava por suas redes. Era uma descrição sobre os eventos pelos quais os

*presos politics* eram condenados. Essa descrição os deixavam atordoados.

Segue ela:

“Los contornos del delito de sedición -otra cosa sería probablemente la violencia que caracteriza a la rebelión- quedan cubiertos cuando del simple requerimiento a quienes permanecían aglomerados y compactados se pasa al necesario intento de anular su oposición. También cuando los agentes tienen que claudicar y desistir de cumplir la orden judicial de que son portadores ante la constatada actitud de rebeldía y oposición a su ejecución por un conglomerado de personas en clara superioridad numérica. A este formato responden los casos más numerosos, a la vista de que en casi todos los colegios se personaron los agentes de los Mossos d’Esquadra. Igual significación penal hay que atribuir al anuncio por los congregados de una determinada actitud de oposición a posibilitar su actuación, incluso mediante fórmulas de resistencia -si se quiere, resistencia no violenta por acoger la terminología de la prueba pericial propuesta por D. Jordi Cuixart-. Esa negativa, en ese escenario, aunque no se diese un paso más, es por sí sola apta e idónea para colmar las exigencias típicas del delito de sedición. El derecho a la protesta no puede mutar en un exótico derecho al impedimento físico a los agentes de la autoridad a dar cumplimiento a un mandato judicial, y a hacerlo de una forma generalizada en toda la extensión de una comunidad autónoma en la que por un día queda suspendida la ejecución de una orden judicial. Una oposición puntual y singularizada excluiría algunos ingredientes que quizás podrían derivarnos a otras tipicidades. Pero ante ese levantamiento multitudinario, generalizado y proyectado de forma estratégica, no es posible eludir la tipicidad de la sedición. La autoridad del poder judicial quedó en suspenso sustituida por la propia voluntad -el referéndum se ha de celebrar- de los convocantes y de quienes secundaban la convocatoria, voluntad impuesta por la fuerza.” (página 283 do juicio)

Lucas e Roger repetiram várias vezes que em nenhum momento desde o começo do processo judicial, nas sessões plenárias ou nas sentenças anteriores se falou sobre a “verdadeira” violência cometida no dia: a violência policial contra a população. Mencionaram que muitas pessoas saíram lesionadas e até cegas devido ao uso de balas de borracha e força policial. Para eles era óbvio que foram “rebeldes” naquele dia, mas nada justificava a violência. Relatam que na escola onde votaram, para evitar a entrada policial, sentaram-se no chão, se agarraram aos outros votantes e impediram que a polícia entrasse. Eles não viam nisso violência, somente rebeldia. O que eles

julgavam violência veio da ação da polícia pois, usavam cacetes, quebravam portas e aplicavam força contra idosos e cidadãos desarmados.

Chamá-los de violentos (tanto os políticos presos, quanto os apoiadores) não **condiz** com a visão que meus interlocutores possuíam de seus atos no dia do referendun, tampouco do contexto das mobilizações. Conta Roger: “A organização do referendun e a desobediência civil (não armada) são modos de protesto cívico. Agora é crime eu falar *p\*ta Espanya*? Que garantia temos de que eles não criminalizarão como sedição qualquer manifestação ou protesto popular a partir de agora?” Para Lucas a violência não só é distinguível pelo comportamento policial ou o comportamento dos cidadãos, como também pela aparência: a farda, a arma e os equipamentos dos policiais para eles já eram símbolos de violência se comparado a condição dos cidadãos, que vestiam roupas casuais e não usavam nenhum tipo de objeto para defesa.

Depois daquele dia me encaminharam uma corrente de mensagens. Em uma delas havia a chamada para uma manifestação no aeroporto da cidade. Eles disseram que não poderiam ir até lá, mas que seria fácil para mim (eu morava mais perto do metrô). Avisaram que deveria tomar cuidado com a polícia: “aqui a polícia cheira cocaína antes destas manifestações; com essas fardas viram monstros, agriquem a todos e a qualquer um”, contou Lucas. Perguntei por que seria no aeroporto, mas não souberam dizer, nem souberam explicar quem organizou tal chamada. Geralmente, as manifestações eram convocadas pela Òminum, ANC ou CDR (Comité de Defesa da República), mas dessa vez veio de uma entidade com a qual não estavam familiarizados - a “*Tsunami Democratic*”. Suspeitaram de uma razão para ser no aeroporto, segundo Roger: “é o único local que possui interesse para os políticos dessa cidade e desse país”. Roger falava sobre os turistas.

Decidi ir até o aeroporto. Minha caminhada de casa até a entrada do metrô me fez sentir como no dia da Diada: as pessoas se cobriam com a *estrelada e a* amarravam em suas cinturas ou em volta do pescoço; todo mundo estava na rua, via vários *llaç grocs* e cartazes de “*presos politics*”. Sabia que não era uma festa, mas fiquei impressionado com aparição dos

vários objetos que circulavam nas festividades e que agora eram utilizados em uma manifestação: canções, bandeiras, cartazes e símbolos.

Uma aglomeração se reunia na P. Catalunha. Entrando nos túneis do metrô que ficam abaixo da praça, mas, também, via muitas pessoas paradas. Ao me aproximar para perguntar o que estava ocorrendo me disseram que houve uma ordem do fechamento da Renfe (empresa responsável por parte do sistema de transporte metroviário da província) e que estavam alterando as linhas do metrô. Os boatos diziam que o sistema de transporte mudou e cancelou alguns de seus serviços a fim de controlar a circulação de pessoas e assim conter as manifestações.

Sem saber o que fazer decidi dar uma volta e fui até a Plaça Universitat, adjacente à P. Catalunha. No caminho, percebia que muitos manifestantes estavam indo em direção à Plaça Espanya. Decidi seguir a aglomeração. A caminhada não foi pequena, cheguei cansado na P. Espanya. Muitas pessoas já estavam lá, mas o objetivo parecia não ser a Plaça Espanya. Para onde todas aquelas pessoas iam? Consultei o mapa do meu celular e fiz uma busca para saber o que havia na direção da marcha: era o aeroporto.

Da P. Espanya até o aeroporto são 10 quilômetros, isso se você pegar o trajeto usando as vias dos carros. Este parecia ser o plano das pessoas: caminhar se manifestando sob o sol, calor aos gritos estridentes e ocupando as vias. Decidi seguir caminhando mas (Figura 18) só fui até certo ponto com a marcha. Apesar de toda a animação em minha volta, era difícil de acompanhar uma manifestação sem meus interlocutores.



Figura 19 - Passeata a caminho do aeroporto. Fonte: Foto do autor, 2019.

No meio do caminho eu recebi mensagens de Roger e Lucas. Avisaram que havia um grupo de mensagens no *Telegram* alertado sobre a violência no aeroporto. O grupo das redes sociais servia como ponto de disseminação das informações e chamadas para mobilizações. Entrar nesse grupo exigia um convite de um membro e, para tanto, eles haviam me convidado. Disseram que hoje não iriam até o aeroporto e avisaram que, caso eu não tivesse companhia não era seguro continuar. Alertou Lucas: “parece que vai rolar muita confusão lá”. Decidi voltar.

De noite, as imagens que circulavam do evento no aeroporto (Figura 19) mostravam o tumulto que foi. Janelas sendo quebradas, policiais atacando descontroladamente, aglomerações de pessoas, muita briga. Fiquei em dúvida se eu lamentava ter perdido o meu acompanhamento ou agradecia em ter mantido minha segurança.



Figura 20 – Manifestação de protesto no aeroporto de Barcelona. Fonte: [https://elpais.com/ccaa/2019/10/14/catalunya/1571042788\\_418131.html](https://elpais.com/ccaa/2019/10/14/catalunya/1571042788_418131.html) , acessado em novembro de 2019.

- ***Terça e Quarta, dias 15 e 16***

As imagens que foram tiradas do aeroporto circularam internacionalmente. A mídia espanhola e catalã não parava de falar sobre a manifestação. Já no grupo do *Telegram*, além dessas imagens, circulavam várias mensagens diferentes: fotos de feridos, alertas de presença policial circulando pela cidade, conversas e chamadas para outras manifestações. Tive que silenciar as notificações deste canal de mensagens porque eram muitas, meu celular ficava incessantemente vibrando, chegou a esquentar e travar.

Havia milhões de pessoas acompanhando este canal de mensagens do Telegram. A maioria das mensagens era chamada para diversas manifestações. Não apenas em Barcelona, mas em outras cidades catalãs como Girona, Lleida, Vic e até em outras regiões não catalãs como o País Basco e Madrid. A maioria dos temas discutidos nas mensagens focava na violência policial, ou na chamada de mais manifestações.

No outro dia, eu tinha aula na universidade. Alguns estudantes não compareceram. De noite haveria mais manifestações que passaram a ser menos pacíficas. Passou a predominar a desobediência civil com destruição de objetos, pichação de placas de trânsito e paradas de ônibus com quebra de placas e fogo em caçambas de lixo. A maioria das manifestações que fui com esse perfil se deram no Eixample.

Por volta de meia noite do dia 15 de outubro fui a uma chamada de protesto localizada em frente a Delegação do Governo da Espanha. No caminho parei para ver outros atos mais isolados, mas nem por isso menos simbólicos da indignação que havia tomado conta de Barcelona. Havia várias fogueiras acesas ao longo das ruas. As pessoas traziam diversos objetos para o meio da via e incendiavam. Alguns desses incêndios se faziam em vias estreitas, perto de prédios e árvores e o fogo se tornava forte e alto. Saía muita fumaça. Assim que uma fogueira era acesa as pessoas ao redor deixavam de fazer barulho, a maioria permanecia olhando o fogo ou conversando baixo. Pouco tempo durava essa contemplação. Logo se via que outra fogueira estava prestes a ser feita. O ritual era marcado por muita gritaria na fase da montagem da fogueira para depois de acesa dominar o silêncio e a contemplação.

No dia 16, quarta-feira, marchas de manifestantes partiram de quatro cidades catalãs distintas, Gerona, Berga, Vic, Tarragona e Tàrraga. Essas marchas ocuparam estradas e vias regionais. Reuniam milhares de participantes, chamados de “independentistas e não independentistas”. A previsão de chegada de todos estes manifestantes que passariam por vários povoados pelo caminho era Barcelona no dia 18, sexta-feira.

- *Sexta, dia 18*

As marchas foram chamadas de *Marxes de la Libertat*. Caminharam em direção a Barcelona por três dias. Inicialmente eram marchas, no plural, porque começaram de locais diferentes. Na medida que elas foram se aproximando de Barcelona, se consolidaram em uma marcha unificada. Não pude acompanhá-la presencialmente, somente via pelos canais de comunicação de redes sociais e mídia.

Cheguei ao destino da marcha antecipadamente. As organizações de promotores independentistas (ANC, Òminum e entre outros) tinham criado um palco de celebração para a chegada. Naquele dia, a cidade ficou mais cheia do que o normal. Diversas demonstrações de apoio da população aos manifestantes foram feitas: rodas de música, passeata de tratores, discursos. Era tudo muito festivo onde novamente compareciam os símbolos já referidos nesse estudo.

Duas horas depois da chegada da marcha, já começaram a acontecer tumultos. Os locais onde a polícia estava concentrada para manter o controle dos manifestantes foram os primeiros onde os conflitos iniciaram. Ninguém sabe muito bem dizer se foi um policial que iniciou a briga, ou um manifestante. Antes de qualquer confronto físico acontecer, sempre ocorre muita provocação dos dois lados.

No dia 18 houve o maior número de incêndios, destruição de patrimônio, pichação, barulho e confrontos cívicos-policial que acompanhei em campo. Os incêndios reuniam o maior número de protestantes. As pessoas se reuniam entorno da fogueira para observar e/ou ampliar os danos ao cenário público: quebrar placas, calçadas, vidraças, gritar, cantar e tirar fotos. Em muitos casos, esses incêndios ficaram fora de controle e por estarem próximos de prédios e pessoas causavam maior impacto do que o esperado dando susto nos participantes. Nestes momentos muitas pessoas procuravam se distanciar.

Os manifestantes também procuravam manter distância da polícia por medo de serem atacados com violência pois destruir patrimônio público e

construir barricadas é claramente uma infração grave. Mesmo assim, muitos manifestantes sentiam uma necessidade muito grande de confrontar o poder que os policiais representavam. Para eles a presença da polícia dava ao mesmo tempo medo e indignação.

Esse clima, onde todos sentem muita ansiedade, faz com que muitos procurem sempre tomar medidas de segurança como: se encapuzar ou mascarar, criar códigos entre companheiros, se posicionar em rotas de saída e vários outros modos para se proteger. Embora procurem manter a segurança e integridade dos demais civis, essas táticas de protesto causam insegurança e ansiedade na população em geral. O medo advém da iminente probabilidade de tudo sair de “controle”, isto é, ser pego, encurralado pela polícia ou se machucar na manifestação.

Apesar de ter entrado em várias situações que temi pela segurança pois vislumbrei essa falta de `controle` e me senti desamparado como um estrangeiro afortunadamente consegui sempre manter minha segurança e bem-estar. Nunca cheguei a fazer parte diretamente de barricada ou incêndio, apenas fui observador a distância mas mesmo assim vivenciei várias situações onde tive que correr quando a ansiedade `gritava` mais do que o interesse na pesquisa.

### **3.2. Chamadas para a `independência`**

Uma parte essencial do meu acompanhamento das mobilizações de outubro de 2019 foi por meio do uso dos canais de comunicação do aplicativo Telegram. Foram dois canais que segui com mais atenção: *Anonimus Catalonia* e *Tsunami Democratic*. Segundo meus interlocutores, Lucas e Roger, discutíamos sobre ir ou não as manifestações que surgiam nesses grupos de mensagens. Apesar do incômodo que sentiam com a abundância de mensagens e algumas divergências pontuais sobre debates dentro dos canais, eles ainda viam muita vantagem em se manterem nos grupos e canais. Ambos me descreveram as razões para gostarem do Telegram: não havia filiação partidária (com a ERC ou Junts) e mantinha uma participação comunitária e livre de intervenção institucional sobre as informações e opiniões das pessoas.

Eles descobriram estes canais da mesma maneira que eu fui apresentado: por um membro.

Além dos dois canais que eu acompanhava, meus interlocutores e demais informantes mencionavam a existência de outros canais dos quais participavam – todos pertencentes ao Telegram. Os canais poderiam se dividir entre grupos de promotores: associações cívicas (ANC, CDR ou Òminum) ou grupos partidários (ERC e Junts) e possuíam subdivisões a partir de localidades (exemplo: CDR Artés ou ANC Barcelona). Os canais mais acompanhados por meus interlocutores eram as subdivisões locais onde se concentravam suas amizades e conhecidos. Participar de grupos com conhecidos fazia parte do sentimento de comunidade que permeia os movimentos. Estes subgrupos disseminavam as mensagens dos grupos maiores e serviam para a organização das mobilizações nos centros urbanos menos populosos.

O uso desses novos canais de comunicação, essencialmente feitos pelo uso de tecnologias de informação como aplicativos e celulares, impõem novos modelos de participação e promoção dos movimentos sociais (CASTELLS, 2012). A tecnologia cada vez mais revela ser uma faceta essencial para o acompanhamento e compreensão dos movimentos sociais (GOHN, 2017). Assim, hoje se impõe perguntar sobre o papel das novas tecnologias de informação e comunicação, especialmente a Internet, nos protestos de diferentes matizes. Estar mobilizado em rede afeta o resultado e a expressão do movimento? Porque se prioriza a chamada e mobilização de um canal “não partidário e não institucional” ao invés dos grupos de promotores mais estabelecidos (como a Òminum e o ERC)? Como explica Pablo Ortellado, verifica-se que:

“Esses movimentos (em rede) costumam valorizar o processo em detrimento dos resultados: é o meio pelo qual agem, sua horizontalidade, sua democracia direta, bem como a criatividade de suas ações que lhe confere sabor e significado. As lutas são experiências viventes de uma democracia comunitária e espaços de auto-expressão contracultural. Às vezes, essa dimensão procedimental é supervalorizada e até mesmo oposta aos resultados práticos da ação

política.” (Parênteses adicionado por autor. Ortellado, Pablo. 2013).

Em entrevista com os participantes das mobilizações de outubro, todos, mencionavam que a chamada por esses canais de mensagem constituía o principal meio por onde se informavam sobre os protestos. Os aplicativos potencializaram o movimento independentista com o permanente compartilhamento de fotos, vídeos, notícias e relatos representando um modo dos manifestantes construírem uma rede de apoio e informação constante. Muitos apontaram para as páginas de Instagram ou contas do Twitter como fontes de informação confiáveis. Alguns dos entrevistados mencionaram que não foram a todas as mobilizações, porém confirmam que ficaram “sabendo de tudo”, por meio das imagens e notícias postas nos canais. Apesar de nenhum dos entrevistados sequer ter escrito algo nos canais, dizem que é importante estar acompanhando as notificações. Roger me conta que “os verdadeiros mobilizadores” são aqueles que fazem o serviço voluntário de compartilhar mensagens nos canais que engajam as chamadas, diz ele: “a maioria das pessoas não fala nada. Só se vê aquele montão de mensagens. Eu sou um deles. Tem outros que não param de falar e enviar mensagens. Esses são os verdadeiros independentistas”. Não pude verificar questionamentos sobre a confiabilidade desses canais entre meus interlocutores. E pelo contrário consideravam verdadeiros `heróis` os que mantinham a `rede`.

### **3.3 “Aqui es Europa, sabes? Somos un ejemplo, no se hace esto aquí”**

Diferente da natureza das mobilizações de caráter festivo, eventos com foco na desobediência civil tinham uma ampla cobertura midiática dos grandes jornais e redes de TV. Também, existiam redes sociais como o Twitter, que se dedicavam a cobertura destas mobilizações tumultuosas e tudo isso chamava a atenção de vários comentaristas, internautas e colunas de reportagem. A ênfase desse tipo de cobertura era a caracterização de violência, rebeldia e sedição: quem são estes manifestantes, o que justifica estes atos e quem são seus “líderes”.

Ao contar que eu estava fazendo um acompanhamento etnográfico sobre as mobilizações do Procés, recebi as mais diversas reações, desde olhares simpáticos, outros confusos e até olhares de desconfiança. A maioria das reações eram comentários preocupados com meu bem-estar e minha segurança. Neste último ponto, as pessoas pediam que tomasse cuidado, e diziam “não é bom você se envolver com esse tipo de gente”, aviso sempre dado por Ana para me alertar. Quanto eu pedia uma descrição do tipo de gente a que se referia, descrevia os manifestantes usando gírias locais (*bichos raros*, *junkies*, *heavy*, *chungos del barrio* ou *skaters*). O estereótipo de um manifestante típico dos atos de protesto era de um jovem (estudante ou não) sem rumo na vida, usuário de drogas, possivelmente com problemas psicológicos ou familiares e propício a atos de violência. Apesar de imaginar que possa ter manifestantes com esse perfil nunca tive contato com alguém assim dentre os meus interlocutores nessas manifestações de protestos.

Retomando o tipo de cobertura midiática dos protestos, eram debates que focavam em temas como política, moralidade, integridade, o perfil de seus participantes e a necessidade de intervenção estatal. Em nenhum momento do meu acompanhamento vi uma reportagem falando sobre o sentimento de *catalanitat*, as razões históricas que permeavam o tema ou de forma mais imediata a segurança necessária para o protesto em uma sociedade livre. O maior foco se dava nos objetos afetados e espaços onde aconteciam as manifestações: a destruição de placas, a pichação, os gritos e a ocupação de vias. Entre meus interlocutores, se dizia “preferem noticiar sobre o estado de vidraças e *contenedores* (caçambas de lixo) do que sobre meu amigo que levou uma “*hóstia* da polícia” (ataque de cacetes) e foi hospitalizado”. Todo dia surgiam notícias do número de pessoas sendo detidas; das ruas que eram depredadas, mas nunca da quantidade de pessoas que saíam feridas. O conteúdo destas imagens de objetos em chamas, destruídos e pichados era narrado como um estado de alerta que, por sua vez, reforçava a exigência de intervenção do governo espanhol e policial.

Além da integridade de praças e ruas em questão, também se debatia o significado de manifestações `barbaras` em uma sociedade `civilizada`. Se discutia a necessidade de não tolerar atos de vândalos que não conheciam o

real direito de manifestação e protesto em um mundo `civilizado`. Alertavam para o risco que as “pessoas bem-intencionadas” corriam nesse tipo de manifestação. Um dia antes de sair para um acompanhamento de uma manifestação que ocorria no bairro do Eixample, Jessika (minha companheira de apartamento) me alertou sobre os cuidados que deveria tomar. Quando eu estava saindo ela apontou para TV e pediu que eu olhasse. A cena ocorria no local onde eu pretendia ir: várias fogueiras ao meio da rua, meio fio destruído, *furgonetas* (vãs da polícia) cobertas de tinta e vários policiais de farda atacando os manifestantes encapuzados. Jessika virou para mim e disse “*Tío, que fuerte. ¡Mira esto! ¡Joder! Aquí es Europa ¿Sabes? Somos un ejemplo, no se hace esto aquí.*” (Cara, que forte. Olhe isso... Aqui é Europa, sabe? Somos um exemplo, não se faz isso aqui).

Isto que Jessika falava de modo explícito e em linguagem informal era a mensagem que de forma subliminar procurava passar a reportagem que estávamos assistindo. Ao fundo das imagens os comentaristas do jornal diziam como essas mobilizações e demais eventos promovidos pelo Procés “não condiziam com valores de integridade e democracia da União Europeia”. Enfatizava que eram atos de pessoas delinquentes e, como um deles comentou, “bárbaros” ou que outro comentarista logo respondeu, dizendo: “o nacionalismo é uma barbaridade.

Relembrar outros movimentos independentistas da Espanha era corrente e a reportagem ainda dizia `esse é um extremismo igual ao do ETA, são uns terroristas. São pessoas presas a um pensamento do passado”. Os participantes não eram descritos como “cidadãos indignados”, mas como “delinquentes”, “violentos”, “terroristas” e “ultranacionalistas”. Reportes já comentaram: “não são cívicos e cidadãos, são bárbaros e delinquentes”. Contudo, os policiais continuavam como policiais a serviços da ordem independente do ato que praticassem: se estavam capturados atacando ou atropelando manifestantes, atirando balas de borracha ou atacando com cacetes as pessoas de modo indiscriminado. Nesse momento não se via equilíbrio em nenhum dos lados para avaliar os seus atos.

Dois pontos se destacam nessas coberturas: (i) a constituição e a proteção de um ideário civilizatório; e (ii) a caracterização e conotação do “tumulto”. O primeiro ponto é um caso explícito do discurso que idealiza o “processo civilizatório” professado por países ocidentais (ELIAS, 1994). A percepção e narrativa que criaram para as mobilizações não apenas descaracterizava os manifestantes, como sendo caóticos e inconseqüentes, bem como os retratava como *outsiders* da própria sociedade. Não apenas marginalizava os atos independentistas como expressão de um sentimento inexistente da “sociedade europeia civilizada”, bem como retratava os manifestantes como pessoas fora do seu tempo, incivis – acusando-os de serem bárbaros ou possuindo uma mentalidade nacionalista “antiga”. No segundo ponto, a cobertura midiática focava em produzir uma narrativa que Tambiah (1996) aponta como a “retórica do tumulto”:

“...a palavra “tumultos” tem conotações conservadoras e autoritárias, e pode ser usada como um opróbrio pelas autoridades e forças de segurança do Estado, ou pelas classes dominantes e pela aristocracia proprietária, para qualificar a resistência, os protestos políticos e a mobilização coletiva dos chamados estratos inferiores: operários, camponeses, lumpem proletariado e “classes criminosas”. Partindo desse modo de avaliar e desse uso retórico, as multidões são tratadas como “turbas” ou multidões desordenadas, sugerindo que seus participantes são irracionais, descontrolados, dispostos a queimar e saquear, fazendo jus, portanto, à intervenção repressiva da polícia, do Exército e dos comitês de vigilância.” (TAMBIAH, 1996)

Se para o debate midiático as mobilizações e atos eram desordenados e caóticos, por sua vez, para os manifestantes, elas possuíam sentido e razão, eram intencionais. Na fala de meus interlocutores que iam as manifestações, era óbvio que o tumulto e as cenas de violência não eram algo inerente às mobilizações ou aos protestantes, mas sempre contextuais: corriam da polícia depois de ouvir tiros, faziam barricadas depois que viam as vans dos policiais indo em sua direção, atacavam a polícia depois que alguém dos seus era capturado. Meus interlocutores reforçavam que a violência e o estado de

desordem eram sempre relacionados à polícia. Concordavam que sempre existiam pessoas que faziam atos de “loucura”, porém muitas dessas ações se justificavam pela relação que tinham com os policiais. Como Lucas me contou: “como podem me chamar de delinquente sendo que estudo e trabalho todo dia. Tiro boas notas e pago tudo que preciso. Muita gente nessas mobilizações é estudante, trabalhador, tem família. Já vi atos inconsequentes, mas a maioria é para garantir que a polícia não saia atacando a gente”.

Na narrativa de meus interlocutores, não se trata, portanto, de uma fase isolada de "irracionalidade". Os atos, bem como as mobilizações, possuem uma mensagem, uma narrativa e um conjunto de relações que dá sentido ao tumulto. Ao modo como acompanhou Tambiah (1997) entre os fenômenos de distúrbios civis e coletivos no sudeste asiático, essas mobilizações são altamente contextuais. Para os manifestantes, a indignação e a mobilização ao modo de desobediência é mais uma expressão política. Vale ressaltar que, nunca apoiavam a violência, mas viam no protesto de rua uma razão de ser, um tipo de expressão específica do movimento. A desordem de suas manifestações que terminavam em atos violentos, ocorria como decorrência da intervenção da polícia. Para os manifestantes, a violência deixaria de acontecer (ou no mínimo seria mais rara) caso não houvesse interferência policial em suas manifestações.

### **3.4. Piche a rua, quebre o vidro, incendeie os “contenedores” e marche.**

Para ter maior clareza sobre os eventos se faz necessário responder: Que tipo de demonstração e atos fazem parte da expressão desses protestos de rua? Antes da aparição da polícia e da intervenção nos atos, que tipo de atividades aconteciam? Apoiado nas considerações da antropologia urbana realizadas por Patriota de Moura (2013), foco mais uma vez na intervenção, apropriação e ocupação do espaço público urbano para a análise das mobilizações. Os bairros e a cidade não eram apenas um espaço onde ocorriam estas mobilizações, mas também um objeto para suas intervenções, onde podiam gerar as expressões de tumulto e desobediência civil.

Com exceção do dia 18 de outubro, as mobilizações tumultuosas eram feitas à noite. No geral as mobilizações começavam quando, ainda, existia a luz do dia, não demonstrando nenhuma reação tumultuosa ou ato de “desordem”. No entanto, quando chegava à noite, apesar do número de pessoas diminuir, as atividades de desobediência cívica começavam. Entre os atos dos protestos noturnos havia: pichação, destruição do cenário urbano e o incêndio de objetos públicos.

No dia seguinte após uma mobilização com este tipo de demonstração as atividades diárias da cidade voltavam à normalidade. No entanto, a cidade via o efeito e as marcas das mobilizações noturnas. As pichações se liam escritas no asfalto, nas paredes e em algumas vidraças. Se via menos *contenedores* (caçambas de lixo) pela rua – pois eram queimadas – e as crateras criadas pelas fogueiras estavam marcadas no asfalto (Figura 20).



Figura 21 - Manifestações noturnas ao redor das fogueiras. Fonte: Fotos do autor. 2019.

A explicação de que a destruição de objetos do cenário urbano feita pelos manifestantes ocorria a fim de criar uma barricada que os separassem da polícia parecia não fazer sentido quando elas ocorriam nesses atos isolados. Mas na visão dos manifestantes em geral era a presença da polícia que incitava os atos e expressões de rebeldia dado que a maioria dos manifestantes sente medo da polícia e aponta diversas características e motivos para quererem afastá-los ou atacá-los. Como Lucas falou, a própria imagem da farda policial e os carros de polícia (*furgonetas*) seriam um motivo de alerta. Mas o aspecto que dava maior medo e indignação aos manifestantes era o uso de balas de borracha que usual pela polícia. A polícia e o que ela significava fazia parte do imaginário dos manifestantes.

Esses atos ocorriam em um ambiente muito emocional o que pode explicar que os manifestantes realmente sintam estarem respondendo a uma violência iminente. Tudo ocorria com expressões altamente emocionais e, portanto, com capacidade de alterar o ânimo e as ações dos manifestantes. Enquanto manifestantes reúnem dejetos e *contenedores* para se protegerem é comum estarem gritando palavras de ordem: *libertat* ou *idenpendencia*. Daí a montar uma fogueira era um passo e levava à participação de muitos. As fogueiras reuniam todos os dejetos e objetos que os manifestantes conseguissem reunir no “calor do momento”: desde caixas de papelão até bandeiras, panos e placas que carregavam. Passado o momento do fogo, silêncio e contemplação logo surgia novo momento de emoção, palavras de ordem e `sentimento de proximidade da polícia` que os leva a outra barricada e fogueira.

Na falta de controle do fogo, quando este já ameaçava espalhar para prédios, carros e árvores, vários participantes questionavam a fogueira como ato de protesto. Ouvi discussões entre manifestantes que gritavam: “sou independentista, mas isso já é barbaridade”. Embora houvesse estes momentos de discordância a maioria continuava a praticar e defender as fogueiras, pichações e demais expressões de desobediência. Como aponta Tambiah (1996), focalizar a leitura destas mobilizações e expressões por suas características ritualísticas e rotineiras pode ajudar entender a maneira “apática” e “normal” que alguns manifestantes levavam estes atos e

experiências violentas. O autor descreve que, apesar de diferentes em natureza, essas expressões não são muito diferentes das demais relações e atividades políticas tidas como “democráticas”, como eleições. O uso de palavras de ordem, de imagens e símbolos fortemente emocionais, da oratória e de performances contextualizam a vida política e, conseqüentemente, as ações a favor ou contra o Estado (GEERTZ, 1980). Para muitos manifestantes suas ações se equiparavam ao repertório utilizado pela força policial. Imagino que, da mesma forma que eles entendem a destruição e incêndio como parte da linguagem de seu protesto, os policiais estendiam suas táticas como razoáveis, pois participavam da mesma linguagem de violência política.

Sendo os atos parte de um protesto intencional ligado ao movimento independentista a avaliação destes deve abandonar perspectivas moralistas e funcionalistas e analisar como as pessoas interpretavam o “sucesso” e realização das mobilizações. Desse modo, o acompanhamento desses rituais deve ser visto por sua eficácia, pela capacidade das ações e símbolos transmitirem uma narrativa (TAMBIAH, 1997; PEIRANO, 2003).

Para todos os meus interlocutores a maioria das manifestações de rua possui pontos negativos. Eles não veem como positivo: a destruição de objetos, apesar de justificável; a presença de pessoas feridas e as vezes com lesões; a narrativa discriminatória da grande mídia e a justificação para a reação de políticos contrários ao independentismo. Porém, essas `tragédias` não significavam que admitir que uma manifestação tivesse sido “mal conduzida”, “insatisfatória” ou inútil. Uma mobilização satisfatória tinha que possuir algum ato de rebeldia dos manifestantes contra a polícia. Uma manifestação satisfatória, para Roger seria aquela que ele não é pego pela polícia e ainda consegue fazer algum modo de rebeldia. Nesse caso, seja por meio de conseguir fazer barricadas, pichar ruas sem ser pego, destruir e sujar as furgonetas, criar alguma fogueira em espaço público e entre outros atos e atividades que fazem parte do repertório dos protestos de rua. Embora haja muitas conseqüências poder ir à rua e fazer tais atos e atividades criava um senso de realização e “sucesso” do Procés. Quando conseguiam sair ilesos do evento, se animavam para compartilhar histórias e contar sobre sua presença nas mobilizações. Este é um momento gratificante para os manifestantes, pois

contam não só de suas “conquistas” como também a possibilidade de realização de Procés. Poder contar tais histórias é uma maneira de gerar solidariedade entre eles, possivelmente, “recrutar” possíveis manifestantes que se encantem pela possibilidade de participar do movimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia foi possível vislumbrar como, e de que forma, essa imaginação e reinvenção de sociabilidades cívicas de um Estado Catalão vem ocorrendo por meio das mobilizações independentista. As observações foram vistas em duas formas: (i) enquanto expressas, encenadas e organizadas a serviço das festividades locais – no dia nacional da Catalunha e na festa da padroeira de Barcelona, cidade capital catalã; e, (ii) enquanto promovidas como manifestações civis constituídas por tumultos e desobediência civil, essas ocorridas em outubro de 2019, após o veredito de prisão dos “*presos politics*” catalães. Para ambos os casos é bom lembrar que as mobilizações que foram acompanhadas se davam no mesmo local, o centro urbano de Barcelona. Espaço urbano que constitui não apenas palco para intervenções do movimento independentista, como também é o *locus* simbólico da cultura catalã.

O *Procés* – o movimento independentista catalão – constitui-se de um conjunto de mobilizações e eventos promovidos por seus participantes, os independentistas. Por meio de suas atividades o movimento tem permitido que novas narrativas ideológicas, centrada no papel do Estado e da soberania das nacionalidades, ganhassem um novo espaço na vida social e cívica catalã. Tais mobilizações e eventos independentistas são inerentemente conflituos, pois sua produção exige a (re) construção simbólica de rituais, históricos populares, discursos e demais aspectos da vida social. Na expressão e realização deste movimento, não apenas a possibilidade de um Estado catalão está em debate, como também o regate da cultura catalã e sua expressão no espaço público na forma de celebração de festivais e na interação social.

A mobilização independentista é atrativa a maioria dos catalães por envolver atividades ritualísticas de caráter histórico o que permite que as pessoas “imaginem” novas sociabilidades cívicas, tanto relacionadas às relações políticas centradas no Estado (um novo Estado), quanto nas relações culturais centradas na nacionalidade (uma restauração da soberania catalã). Esta potencialidade de imaginação e reinvenção se traduz no engajamento da população e na devoção dos independentistas ao movimento.

A relação entre espaço urbano e as diferentes expressões do Procés é tratada no primeiro capítulo. Consta nas primeiras observações feitas em campo, uma relação imediata possível de ser feita por quem chega a Barcelona, sendo, também, uma extensão maior do que ocorre nas demais regiões urbanas da Catalunha. Barcelona é constituída não apenas por um visual urbanístico único e planejado, como também por um visual simbólico que exhibe as complexidades e dimensões da realidade plurinacional e histórica da Espanha. A população da cidade, em especial nos bairros de Eixample e Ciutat Vella, se expressam e dialogam entre si e com os “outsiders”. Neste espaço, a comunicação simbólica é essencial, onde se destaca as bandeiras e a língua como elementos que demarcam identidades e o contexto histórico diverso.

As observações sobre o espaço urbano como o local de realização e construção do movimento, de seus eventos e das mobilizações, inclui não só os independentistas e autóctones catalães, mas também os diversos grupos que participam e vivem naquele espaço. Trata-se de uma metrópole cosmopolita, onde o consumo turístico é intenso e a atratividade de imigrantes também. Fazem parte desse palco turistas, guias turísticos e trabalhadores imigrantes que aproveitam as manifestações e as intervenções independentistas para vender, comprar e tornar exótico os eventos e a simbologia independentista. Ou seja, a movimento de independência não apenas é expresso por discurso e rituais, como também é consumido e torna-se um produto da atividade turística, e isso não é desprezível para a visibilidade do movimento.

Adentrando na vivência da cidade e do movimento se verifica que o independentismo possui diversas práticas e expressões. Uma delas explorada na monografia foi o uso de festividades e eventos comemorativos, tema do segundo capítulo. Construir, imaginar e afirmar uma nação, em grande parte, é celebrar, comemorar e exaltar aspectos consagrados como vernáculos de uma identidade. Ou seja, as festas são importantes eventos de constituição ideológica cívica e cultural, espaços onde pessoas representam suas identidades e expressam suas demandas. As festas catalãs são momentos especiais da *catalanitat*, a ideologia nacional catalã. O Procés se tornou um

grande promotor dessas festividades se revestindo nos processos ritualísticos e semióticos das celebrações. Os processos de organização das festividades cívicas tornam-se momentos de confraternização do Procés e suas simbologias se misturam às festas de afirmação da catalanitat. De todo modo, mesmo nesse aspecto lúdico de expressão, o independentismo também envolve conflitos: nem todos os catalães estão de acordo com a celebração da catalanitat por meio de símbolos independentistas.

No terceiro e último capítulo foi apresentado um outro modelo de mobilização independentista: os tumultos e atos de desobediência cívica. Nesse caso, o conflito independentista é expresso da forma mais visceral e emocional possível. A mobilização se dá fora dos festivais e tem maior destaque em redes sociais e na mídia. Suas chamadas envolvem um conjunto de plataformas e canais de comunicação comunitários, que são alimentadas pelos próprios independentistas, sem nenhuma figura de líder que os comande. Por meio desses canais os membros compartilham notícias, se identificam e estabelecem laços de ajuda: seja no apoio na divulgação de informações, comunicação entre os membros ou na formação de grupos de protesto.

Quando os tumultos ocorrem, estes recebem a maior atenção midiática. Essa atenção, ao invés de significar uma conquista da narrativa dos manifestantes, tornam-se uma descaracterização pois são sempre tratados por expressões como “caóticos”, “extremistas”, “manifestações antidemocráticas” ou “bárbaras”. Todas as características que configuram uma forma de expressão anti-civilizatória, que a maioria dos europeus não se identifica. Isso faz os manifestantes serem tratados como *outsiders* e impostores dentro da própria sociedade. Esse discurso envolve não apenas a perseguição e degradação da imagem cívica dos independentistas, como também a seletividade das notícias: enquanto é noticiado a destruição de uma placa como motivo de indignação cívica, nenhuma cobertura ou informação é lançada sobre os manifestantes que foram feridos por medidas repressivas dos policiais.

Ao contrário de toda perseguição midiática do independentista como caótico e a leitura do tumulto como um “impulso primitivo” deve-se também, destacar que essas expressões fazem parte de um grupo que as realiza - de modo intencional e possuem um repertório próprio e ritualizado. Segundo esse grupo suas expressões são construídas não só como uma intervenção no espaço urbano, mas também para proteção contra a polícia. A capacidade dessas expressões ritualísticas garantirem a proteção e um senso de conquista sobre a polícia tem efeito não só sobre os manifestantes – que se sentem `vitoriosos` – como também é um atrativo para outros participantes que comungam da mesma visão.

Como referido de início, foi feita uma opção sobre a abordagem simbólica da organização e expressão do movimento independentista e de seu entendimento no contexto de “catalanitat” explorando as sociabilidades cívicas dos catalães. Certamente existem outros modelos de mobilização dos independentistas, como os de caráter partidário, por exemplo, que optei por não acompanhar. Seu repertório de símbolos e atividades é diverso e permanece em constante transformação, necessitando a continuação de sua investigação. O tema da independência catalã transcorre a séculos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ARAMBURU**, Mikel (2019) “Muerte y vida de un reconocimiento étnico. La paradoja de Súmate”, *Quaderns-e de l’Institut Català d’Antropologia*, 23(2), Barcelona: ICA, pp 61-79 [ISSN 1696-8298].”

**AMAT**, J. (2018). *Largo Processo, amargo sueño*. Tusquets Editore, Barcelona.

\_\_\_\_\_(2017). *La conjura de los irresponsables*. Editorial Anagrama, Barcelona.

**ANDERSON**, Benedict. (1985), *Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism*. London, Verso.

**BARRETO**, M (2009), “Interfaces entre Turismo e Migração: uma abordagem epistemológica”, *Passos, Revista de Turismo e Patrimônio Cultural*, v. 7, nº 1, p.1-11.

**BESSA**, Altamiro and **ÁLVARES**, Lúcia Maria (2012) *La construcción de los grandes destinos turísticos internacionales*. Bitácora urbano\territorial; Vol. 20, núm. 1 (2012): *Escribir la ciudad* Bitácora Urbano-Territorial; Vol. 20, núm. 1.

**BOIX**, E. (1997). *Ideologías lingüísticas en familias lingüísticamente mixtas (catalán-castellano) en la región metropolitana de Barcelona*. Em, *Lenguaje y comunicación intercultural en el mundo hispánico*. Coord; Bierbach, C & Klaus, Z. ISBN 84-88906-56-0, págs. 169-190.

**BOURDIEU**, P.(2011). *Razões práticas: sobre a teoria da ação social*. Editora Papyrus, 11 edição, Campinas, São Paulo.

**CARDOSO DE OLIVEIRA**, Roberto. (1995), "Identidade catalã e ideologia étnica". *Mana: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional.

\_\_\_\_\_. (2000). *Os (des)caminhos da identidade*. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 07-21.

**CASTELLS**, Manuel (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

**CRESPI-VALLBONA**, M; **RICHARDS**, G (2007) *The meaning of cultural festivals*, *International Journal of Cultural Policy*, 13:1,103-122, DOI:10.1080/10286630701201830\_

**CHAVEZ**, Christiane de Alencar. (2002). *A Marcha Nacional dos Sem-Terra: estudo de um ritual político*. In: **PEIRANO**, Mariza (Org.). *O dito e o feito: ensaios de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, v. 12.

**CLUA I FAINÉ**, M. (2010). Democràcia I Participació Ciutadana: Les Consultes Sobiranistes A Catalunya. Políticas y ciudadanía: miradas antropológicas.

\_\_\_\_\_.(2014). Identidad y política enCataluña: el auge del independentismo enel nacionalismo catalánactual. Quaderns-e de l’InstitutCatalàd’Antropologia Número 19 (2) pp. 79-99 ISSN: 1696-8298

\_\_\_\_\_ (2019). Una proposta d’interpretació del nacionalisme des de l’antropologia. Quaderns-e, número 23 (2), pp. 28-44 ISSN: 1696-8298.

**DAMATTA**, Roberto. (1981). Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro, Zahar.

**DURKHEIM**, Émile. (1996). As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Paulinas.

**ELIAS**, N. (1970). Processos de formação de Estados e construção de nações. In: \_\_\_\_\_.Escritos e ensaios 1: Estado, processo e opinião pública. Organizados por Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_, (1994). O processo civilizador: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

**FERRÉ**, Albert. (2019). El “procés” o l’Espanya inacabada: una mirada antropològica a propòsit d’un debat obert. Quaderns-e, Número 23 (2), pp. 11-27 ISSN: 1696-8298.

**GEERTZ**, Clifford. (1991). Negara: o Estado teatro no século XIX. Lisboa: Difel.

**GOETZE**, D. (2001). Fiestas y santos. La construcción simbólica de espacios sociales en España. IBEROAMERICANA. América Latina - España – Portugal, Vol. 4, Núm. 13 (2004). Em <http://dx.doi.org/10.18441/ibam.4.2004.13.131-145>, acessado em novembro de 2019.

**GOHN**, Maria da Glória. (1997). Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Loyola.

**GOVINDRAJAN**, Radhika. (2018). Electoral Ripples: The Social Life of Lies and Mistrust in an Indian Village Election. HAU: Journal of Ethnographic Theory 8 (1/2): 129-143.

**HARVEY**, David. (2011\_). O Enigma do Capital e as Crises do Capitalismo. São Paulo: Bomtempo Editorial.

**ICE**. Instituto Nacional de Estadística. (2012). Cuenta Satélite del Turismo de España (CSTE) Revisión Estadística, Serie 2016-2018.

Disponível em: [https://www.ine.es/prensa/cst\\_2018.pdf](https://www.ine.es/prensa/cst_2018.pdf), acessado em novembro de 2019.

**KAMMERER**, Nina (2014) “Catalan Festival Culture, Identities, and Independentism”, *Quaderns-e de l’Institut Català d’Antropologia* 19 (2), pp. 58-77.

**LLOBERA**, J. R. (1996). *El dios de la modernidad: El desarrollo del nacionalismo en Europa occidental*, Barcelona: Anagrama.

**LEITE**, R. P. (2014). *Contra usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Ed. da Unicamp; Aracaju: Ed. da UFS.

**MORENO**, L. (1997). Federalization and Ethnoterritorial Concurrence in Spain, *Publius: The Journal of Federalism*, Volume 27, Issue 4, Fall 1997, Pages 65–84, Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordjournals.pubjof.a029940>, acessado em novembro de 2019.

**NuAP**. (1998). *Por uma antropologia da política: rituais, representações e violência*. Cadernos Nuap, 1.

**ORTELLADO**, Pablo. (2013). On Processes and Outcomes: Remarks on the Brazilian Protests of June 2013, and Other Experiences of “New Movements”. *Hot Spots, Field sights*, December 20. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/on-processes-and-outcomes-remarks-on-the-brazilian-protests-of-june-2013-and-other-experiences-of-new-movements>, acessado em novembro de 2019.

**PATRIOTA DE MOURA**, Cristina (2013) “O urbano e suas múltiplas dimensões” *Anuário Antropológico*, v. 38, n.2, p. 9-15.

**PEIRANO**, Mariza. (2003). *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Zahar.

**PUJADAS, J; COMAS D’ARGEMIR, D** (1991): “Identidad catalana y símbolos culturales”. En: PRAT, Martínez, CONTRERAS & MORENO (eds.): *Antropología de los Pueblos de España*. Madrid: Taurus, pp. 647-652.

**PADRÓS**, Diego Javier (2019) “La estética de la independencia: emoción y razón en el nuevo proceso catalanista”, *Quaderns-e de l’Institut Català d’Antropologia*, 23(2), Barcelona: ICA, pp 114-139 [ISSN 1696-8298].”

**ROMERO**, J. (2006) *Espanya inacabada*, València: PUV.

**RUBIM**, Christina de Rezende. (2018). *A questão nacional e a antropologia espanhola*. 1 ed. Curitiba: Appris.

**RUDOLPH**, Joseph r. Jr. e **THOMPSON**, Robert J. (1992) *Política etnoterritorial. Desafíos en las democracias occidentales*. Barcelona: Ediciones Pomares-Corredor.

**TAMBIAH, S. J.** (1997). *Leveling Crowds: Ethnonationalist Conflicts and Collective Violence in South Asia* In: University of California Press.

**TAYLOR, C.** “The Politics of Recognition”, in A. Gutmann (org.) *Multiculturalism and the Politics of Recognition*, Nova Jersey: Princeton University Press. 1994

**TEC**, (2019). Departament de la Vice presidència i d'Economia i Hisenda. Trets de l'economia catalana. Disponível em: [http://economia.gencat.cat/web/content/70\\_economia\\_catalana/arxius/TEC/TEC .pdf](http://economia.gencat.cat/web/content/70_economia_catalana/arxius/TEC/TEC.pdf), acessado em novembro de 2019.